

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

HIKARI AMADA GOMES DE ALMEIDA

CONSCIÊNCIA SENSÍVEL: CAMINHO DO AUTOCONHECIMENTO

O Retorno da Deusa por uma autoetnografia da Arca da Montanha Azul

Rio de Janeiro

2016

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

A447 Almeida, Hikari Amada Gomes de.

Consciência sensível: caminho do autoconhecimento - o retorno da Deusa por uma autoetnografia da Arca da Montanha Azul / Hikari Amada Gomes de Almeida. – 2016.

43 f.

Orientador: Wallace de Deus Barbosa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2016.

Bibliografia: f. 43.

1. Espiritualidade. 2. Alucinógeno. 3. Tradição. I. Barbosa, Wallace de Deus. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DA GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL - GCR

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: HIKARI AMADA GOMES DE ALMEIDA	Matrícula: 210.33.070
Título do Trabalho: "CONSCIÊNCIA SENSÍVEL: CAMINHO DO AUTOCONHECIMENTO – O RETORNO DA DEUSA POR UMA AUTOETNOGRAFIA DA ARCA DA MONTANHA AZUL"	
Orientador: Dr. Wallace de Deus <i>BARBOSA</i>	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação: 27/07/2016

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente): Dr. Wallace de Deus <i>Barbosa</i>
2º Membro: Me. Luiz Mendonça
3º Membro: Sr. Paulo Victor Catharino Gitsin

AVALIAÇÃO:
Análise / Comentário <p>O trabalho apresentado foi considerado pela Banca bem estruturado, versando sobre um tema oportuno e relevante para o campo da cultura no Brasil e reflete um bom equilíbrio entre descrição e reflexões aos processos vivenciados, que foram trabalhados na forma de uma auto-etnografia.</p> <p>A Banca sugere posterior aprofundamento do tema, seja do ponto-de-vista acadêmico, como artístico.</p>
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora):
ASSINATURAS <p><i>[Assinatura]</i> <i>[Assinatura]</i> <i>[Assinatura]</i></p> <p>1º Membro (Presidente) 2º Membro 3º Membro</p>

HIKARI AMADA GOMES DE ALMEIDA

CONSCIÊNCIA SENSÍVEL: CAMINHO DO AUTOCONHECIMENTO

O Retorno da Deusa por uma autoetnografia da Arca da Montanha Azul

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense, como parte das exigências para
a obtenção do título de Bacharel em
Produção Cultural.

Orientador: Wallace de Deus

Rio de Janeiro

2016

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a todas as coisas divinas que existem, a todos nós, por estarmos encarnados a fim de cumprir nossa evolução espiritual e o nosso retorno ao Sagrado. Enquanto estamos por aqui, o melhor a fazer é nos re-ligar.

Segundamente, a Deusa que há em mim assim como a Deusa que há na minha mãe. Sou muito grata pela oportunidade de ter me aberto para a espiritualidade, de não ter fugido desse chamado. Por ter conhecido a Arca da Montanha Azul e isso me amparar e fortalecer todos os dias. Sou apaixonada pela pequena trajetória que estou construindo nesta Casa, a toda Aliança.

Queria agradecer aos que direta ou indiretamente me ajudaram nesse processo: Gabriel Mitsuíureo, Amanda, Ester Nonata, Gerson Sidartha, a Tatiana Lima, Maíra (Kabbalah Center), Família Murua, Hugo Persechini, Dayane Zimmerman, Philippe Bandeira de Mello, Marcelo Del Debbio, C.A.L.E.N., Guilherme Borges (Jesus), Silvia Klein, Menelick de Carvalho, Claudia Lisboa, Claudio Brandão, Erick Villas, Felipe Silcler, Bruna Guimarães, Zeca (Martins Pena), Carmen Frenzel, Marquinhos Rego, Marco dos Anjos, Diego Braga, Rogerio Forti, Évora Andrade, Vinicius de Melo Rosa, Vinicius Teixeira, Haroldo Coelho de Almeida.

A todos os meus mestres, guias, mentores, anjos guardiões, por toda proteção e condução. Obrigada pela poderosa intuição.

Agradeço a oportunidade de poder ter reproduzido esse estudo. À confiança do meu orientador, Wallace de Deus e à disponibilidades solícitas de Luiz Mendonça e Paulo Victor Catharino Gistin.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

Que o meu caminho artístico-espiritual dignifique a vontade divina e que eu tenha humildade, disciplina, liberdade, iluminação, paixão e amor em todo meu caminhar.

Assim seja.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo constatar a Tradição da Deusa, ancestral e milenar, como vigente no sítio Holístico Arca da Montanha Azul – Espaço Ecumênico de investigação, diálogo e convívio entre diferentes Religiões e Tradições Sagradas, por meio de uma metodologia autoetnográfica. E, conjuntamente, apresentar a abertura de uma reforma enteogênica, como cura para humanidade, integradora as consciências. Com fundamentos históricos, sociológicos, internos e pessoais agrego às práticas dentro da Escola Espiritual teorias que estabelecem congruência entre o Divino Feminino, a Arca como espaço multirreligioso e a reforma sensível da sociedade.

Palavras-chave: Espiritualidade; Ayahuasca; Deusa.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. GEM E A HISTÓRIA DA ARCA DA MONTANHA AZUL	13
3. CERIMÔNIA RITUALÍSTICA	26
4. INICIAÇÃO	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo o espaço Círculo Holístico Arca da Montanha Azul – Espaço Ecumênico de investigação, diálogo e convívio entre diferentes Religiões e Tradições Sagradas, com o qual estou em contato desde dezembro de 2015. Localizado em Laranjeiras, na cidade do Rio de Janeiro, a Arca funciona ativamente desde 1997 naquele espaço, fundado em 1989, tendo sido originado pelo residente da casa, o Psicólogo Junguiano e Transpessoal, Philippe Bandeira de Mello, após uma visão obtida em um dos seus trabalhos espirituais orientados pela medicina natural, com a qual trabalha há anos, a Ayahuasca, precedente a Arca. Selecionei a Arca como grupo de análise por sua estrutura cooperativa e expansiva da consciência. Esta pesquisa monográfica é, antes de tudo, um estudo pessoal e vai além do objeto observado (e ainda em observação, pela minha ligação direta com o espaço). Ainda assim, considero uma análise sobre a qual tenho buscado me informar e, devido à pouca evidência documental, conclui que poderia investigar tal estrutura e produzir o conteúdo que procurava. Decidi pelo tema de “Consciência Sensível” por persistir em uma demanda no que diz respeito à evolução relacional entre os seres humanos, seres cientes de sua consciência, atrelado a um processo pessoal – referente ao meu caminho espiritual, desde vertentes físicas a intelectuais, emocionais a sinestésicas.

Por meio desta vivência, aplico o formato de estudo autoetnográfico, isto é, em contato direto com a Arca procuro refletir meus próprios trabalhos de expansão de consciência, analisando minhas experiências em paralelo com o desenvolvimento e organização da casa espiritual, tendo em vista sua conduta, aprimoramento, discernimento, administração e orientação. A autoetnografia surge como método condizente com o espaço, e com o meu processo pessoal, que se orienta por um caminho solitário ainda que inserida num coletivo.

Foi fundamental para decisão temática deste trabalho a permissão para realizar trajetos individualizados, mas sempre buscando a empatia em qualquer tipo de relação. Anteriormente ao meu contato com o meu objeto de estudo, era vigorosa a necessidade de um local para eu, de alguma forma, encontrar um terreno espiritual firme. Para isso, entretanto, era preciso haver uma identificação particular com determinado grupo, dado meu histórico recente que envolvia a expansão de consciência, estudos herméticos e ciências ocultas.

O questionamento que este estudo busca se aprofundar é se não há de fato uma abertura, uma possibilidade de atuação, de um convívio mais harmônico, cooperativo, fluido, funcional, orgânico e organizado onde se conceba uma composição renovada do que é ser um indivíduo inserido em um grupo social, e como isso é transmutado para outros tipos de relações como a social, relacionamentos afetivos, contatos profissionais.

Em recente encontro, do qual participei como conferencista, em novembro de 2015, organizado pela Associação Educacional Sirius-Gaia (AESG), houve uma palestra com Alexandre Cumino, pesquisador umbandista, sobre “A Magia na Umbanda”, em que ele reproduziu prioritariamente a História da Umbanda, que consagrou internamente o que eu gostaria de estudar como uma problematização atualizada dentro do universo espiritual, místico e magístico no qual estava inserida. Cumino afirma que “Sexo, mulher e o amor são manipulados pelas religiões, dominadas pelo homem, porque eles sabem que o feminino é muito mais poderoso”.

Esta foi a penúltima palestra do IV Simpósio Brasileiro de Hermetismo e Ciências Ocultas, a terceira que citava o “feminino” como renegado; com seus rituais, seus processos de cura, cantos, danças, de cultivo da terra, de experiência em comunidade cooperativa, com ferramenta divinatória e oracular, de revelação espiritual, de temperança da Mãe Terra representativa de todo o meio ambiente, em comunhão com a natureza humana, completamente ignorados há milênios. Sendo encarado como se nunca tivesse existido, ou pior, sendo categorizado como dispensável na sociedade atual.

Mentalmente, atravessando mais esse universo de resgate aos abandonos ancestrais, e sendo mulher, esse abalo despertou um caráter analítico feminino em qualquer atividade consciente privada ou em relação ao outro, em contato com o próximo. Não foi nada trabalhosa as associações com os privilégios masculinos morais, intelectuais, econômicos, emocionais, estruturais em detrimento de qualquer lugar onde a mulher esteja inserida, reforçando ainda mais a incapacidade feminina de se entreabrir; não há terreno fértil para a mulher. Ademais, não há terreno fértil para um encaminhamento sensível, integrado, cooperativo, intuitivo, receptivo, compassivo, humanitário na nossa sociedade. O valor normativo da separação e discriminação da vida permite aos indivíduos um só modo de funcionar. Um formato mecanicista de produção e uma ambição verticalizada independente e competitiva que sugere que não se interesse mais pelo outro, na qual a convivência se limita ao pretexto de superação do outro, sendo ele um obstáculo a transpassar. A mente objetiva orienta que nossa existência e nossa sensação de plenitude

sejampautadas num desconforto com o presente, por meio de uma insatisfação que só será dissipada ao alcançar certo patamar, ao pertencer a um status; a felicidade e o bem-estar, portanto, ficam condicionados a valores futuristas de progresso e que, não tendo acessado o ponto almejado, ocorre a frustração, a culpa, o desgosto pela vida. A materialização da realidade impossibilita que se entre em contato com o presente, focando sempre em um estágio distanciado de si mesmo, que não se relaciona com o ambiente interno e externo (impalpável e palpável). A sugestão racional como elevação de um indivíduo em seu processo de formação, por si só, trai a própria formação, quando não abrange a totalidade da capacidade humana, o que já evidencia a inviabilidade de uma sensação de plenitude.

Mostrou-se notório na minha busca que a Arca da Montanha Azul fosse a representação de um ambiente no qual os comportamentos conservadores, mecanicistas e individualista-rationais se dissipassem, tanto pelo propósito da casa espiritual, como pelo trabalho particular onde cada um autoriza uma comunicação e um acesso a si mesmo expandindo a falsa noção de identidade não-relacional, adentrando uma conexão livre de condicionamentos materiaisaprisionadores e despertando uma consciência sensível – interligada ao universo, a tudo que existe.

Compreendo nesse estudo, desde o princípio já demonstrado no formato desta escrita, a necessidade de inserir minhas objeções – também intuições, mirações¹na Força, sonhos, conversas com iniciados da casa, trocas com indivíduos mais especializados na busca do sensível – intelectuais atrelados ao meu envolvimento subjetivo com a vida e, portanto, com este tema. Sendo assim, a metodologia aplicada de um novo formato antropológico, que se apropria parcialmente da neutralidade da etnografia, se fortalecerá das condutas desta autora com seu processo sensível e espiritualizado. Como complemento informacional, cabe mencionar que sou atriz, artista antes de qualquer outra carreira, o que não torna tão impactante minhas escolhas metodológicas e temáticas para um estudo monográfico dentro de um âmbito mais pragmático cultural, de gerenciamento e reflexões das políticas da área que o curso de graduação oferece.

Seria pouco construtivo, inclusive, para essa pesquisa que não houvesse uma inserção apropriada do pesquisador. Comprometida com essa função, encontrada como um interesse cultural pouco explorado até mesmo dentro de sua própria área, utilizo do meu condicionamento sensitivo e

1A miração é uma possível manifestação dentro do processo de iluminação da Ayahuasca. Chamamos estar na “Força” quando estamos sob seu efeito e nessa ocasião podem ocorrer visões, intuições, entendimentos, ou seja, revelações de todo o tipo provenientes de imagens e situações que se mostram na consciência expandida daquele que comungou do chá (Ayahuasca).

místico como alicerces para fortificar este ramo de interesse reputado como inválido tendo em vista seu teor pouco palpável e realista. Contudo, indo de encontro justamente com esse universo categorizador da razão, classificado como incondicional unificador pelos seus conceitos e normas endurecidas, oriento esse estudo pautado por autores como Joseph Campbell, o próprio Philippe Bandeira de Mello e Michel Maffesoli. Maffesoli apresenta visões acerca de uma sociedade moderna que se encontra no final de sua representação, dando lugar a uma sociedade pós-moderna que cultiva um retorno as suas raízes – o bem-estar em grupo, a prática comunitária, a inutilidade da individualização separatista, o resgate aos rituais como celebração da vida, o encantamento pelo cotidiano, a feminização do mundo, a invaginação do sentido.

A metodologia autoetnográfica é primordial nessa análise investigativa. Sobre a autoetnografia (utilizada inicialmente no final da década de 1970 e início dos anos 1980), é manifestada pela carência de vínculo do investigador com o objeto observado, suprime a omissão da subjetividade dentro do grupo em análise e oferta uma nova abordagem ao trabalho sociológico. O diagnóstico não mais se orienta pela descrição objetiva e pela perspectiva distanciada, à margem, sempre contornando, o ambiente investigado. Essa recente avaliação antropológica permite se reconhecer inserido no círculo cultural e compartilhar suas experiências minuciosamente entremeadas pelo processo ritualístico daquele grupo. A partir disso se aplica uma difusão de qualidade conectiva, pela sensibilização introduzida pelo autor, e se estabelece um vínculo com leitor, já que o autor (também ator, por ser atuante, nesse trajeto) oferece sua íntima vivência como pertinente para uma vasta compreensão, e apreensão, do conteúdo daquele corpo social. A fala particular do investigador sustenta as impressões. Em divergência com este estilo, há a crítica quanto à recusa da objetividade quando é utilizada uma comunicação pessoalizada. No entanto, ao se autoaplicar, se responsabiliza pela postura tomada, posto que suas empirias se transfiguram em objeto de análise e, ele como ator de determinada experiência, pode relatar com especialidade a designação de tal fenômeno.

Em resenha sobre a autoetnografia, Pedro Mourão e Nelson de Barro contribuem afirmando que:

Na autoetnografia escreve-se pessoalmente oferecendo emoção, abertura à vulnerabilidade e desafio ao texto ortodoxo que pretende ser objetivo, super-racional e textualmente distanciado. Abrir a vulnerabilidade implica visibilizar o ‘irracional, particular, privado, e subjetivo’, em contraponto com o racional, universal, público e objetivo. (2015, p. 1339)

Dessa forma, o conteúdo apresentado é sustentado por uma complexidade maior e mais ampla do objeto em questão, bem como as observações do pesquisador que se apresentam mais contundentes e assertivas, sem rodeios mascarados com argumentos e referências que pouco complementam a análise.

Pela diferenciação proposta desde o formato de análise, e a qualidade na linguagem aplicada nesse estudo, assim são os autores utilizados como apoio fundamental para essa pesquisa. Joseph Campbell, analisado na totalidade do seu livro “Deusas – Os Mistérios do Divino Feminino” aborda historicamente a trajetória da Tradição da Deusa, suas camadas, estruturação e desintegração desde quando se mostra aparente na humanidade, ou seja, desde o período Paleolítico. Seu tratamento é desde o princípio honesto e integral, pois aproxima em sua escrita a propriedade do que está discorrendo, sendo, ainda que metucioso e especialista, um reconciliador com a natureza feminina tão renegada e refutada de sua força e sabedoria.

Ao mencionar, o que será trabalhado com o aspecto do feminino, é preciso resgatar a trajetória histórico-cultural do que está relacionada à mulher, a sua atividade em coletivo e a semântica da adoração a Deusa.

Em 25000 a.C, no Período Paleolítico, as cavernas com as primeiras estatuetas de Vênus foram os primeiros indícios culturais da tradição da Deusa. Configurado nesta fração do tempo entre a Idade da Pedra e do Cobre, a subsistência humana era pautada pela atividade agrícola, enquanto as cavernas permaneciam como locais de rituais de iniciação e ritos de passagem. Esses rituais eram passados somente por homens, rapazes nas sociedades agrárias, que obtinham tempo para se unirem com outros homens, formando grupos e desbravando o espaço. A sobrevivência, alimentação, educação, organização eram estipuladas pela mulher: criavam as crianças, cuidavam da roça e construíam suas casas. Em nenhuma das localizações onde Deusa era cultuada, encontram-se evidências de guerra, autoridade patriarcal ou divisões sociais, imperando sobre essas comunidades cenários pacíficos e igualitários, centrando suas reverências à vida, à beleza, ao amor, à arte.

Neste período, onde a atividade com a natureza era de relevância vital, eram as mulheres que eram as articuladoras e provedoras. Com isso, admite-se uma sociedade matrilinear com conhecimento da terra e da vida que proveniente dela; além da vida que se compreende dentro do próprio corpo feminino demonstrando a sabedoria nata contida sobre nascimento, crescimento, florescimento, amadurecimento, declínio, morte, renascimento. Todo o ato de criação é vinculado

a Deusa, ou a vida feminina, numa eterna roda de sabedoria dos ciclos – das Luas, das estações, do Sol. Isso pode ser assimilado se também transpassado para os ciclos vividos ao longo da vida como o despertar da sexualidade, ato de dar à luz, amamentação, ato criativo de parir novas ideias e projetos, repouso na menopausa, entendimento da morte e da reencarnação.

Ademais das clarezas dos entendimentos do plano físico, envolvidas com natureza e a criação e nutrição da vida, as mulheres, assim como a Deusa, sempre estiveram associadas com conhecimentos espirituais através de suas atividades como curandeiras ou sacerdotisas. A espiritualidade surge como uma consequência nata da causa de a mulher estar sempre atenta a um equilíbrio e a uma dinâmica harmoniosa, procurando ater a um bem-estar interno ou externo, consciente ou inconsciente, individual ou coletivo. A espiritualidade feminina ainda é trazida pelos Mistérios do Sangue, uma relevância mensal de renascimento do corpo feminino que caracteriza sua familiaridade com a transição entre o que vivo e o que é morto, o que é racional e o que é emocional, o que é presente e o que é ausente.

Joseph Campbell situa a acepção da Deusa:

Em geral, pensa-se na Deusa como apenas uma deidade da fertilidade. Longe disso. Ela é a musa. Ela inspira poesia. Ela inspira o espírito. Portanto, tem três funções: primeiro, nos dar a vida; segundo, nos receber na morte; terceiro, inspirar nossa realização espiritual poética. (CAMPBELL, 2015, p. 69)

Campbell em seu estudo histórico introduz o saber espiritual atrelado a simbologia da Deusa e como característica iminente a participação feminina nessas sociedades arcaicas com sua atividade curativa e intrinsecamente ligada ao nascimento e a morte. Encontra-se em Michel Maffesoli, num viés sociológico, a mesma natureza, o despertar dessa força atribuída à mulher quando enaltece o conceito de “invaginação do sentido” trazendo a ideia de retorno ao ventre, aos sentidos, aos ciclos e aos rituais festivos; esses últimos presentes nas cerimônias místicas. Nessa concepção, o autor adentra no campo da valorização do presente e desapego de construções atreladas sempre a um futuro de progresso e sucesso, ele propõe o regresso as origens a fim de entrarmos em harmonia com os ritmos da nossa existência. Entrando em consonância pacífica e equilibrada, portanto sensível e integrada, com o interno desenvolvimento do nosso ser e com o outro. Dessa forma, Maffesoli desempenha uma reconquista dos índices fundamentais da Tradição da Deusa de estar em contato com o outro, se empenhando por um lugar onde possam estar cientes de uma estabilidade anímica com o constante dinamismo dos ambientes (sociais,

culturais, pessoais, intelectuais, espirituais). Em seu texto “Homossocialidade: da identidade às identificações”, ele afirma:

O retorno à origem, ao ventre, não se mostra apenas como individual, pois produz cultura e induz a um encontro com a alteridade, com o *outro* que é o próximo, com o *outro* que é a natureza. Encontro não mais heroico, mas adaptando-se ao que a alteridade é e pelo que ela é. Existe na “feminilidade” uma tolerância, uma generosidade incontestável, extraído sua força dessa memória imemorial da humanidade que “sabe”, por um saber incorporado (ainda o corpo!), que, para além das convicções, dos projetos de toda ordem, das metas mais ou menos impostas, existe a vida e sua inesgotável riqueza, a vida sem finalidade nem emprego, a *vida sem mais*. (grifo do autor) (MAFFESOLI, 2012)

Através dessa relação de proximidade consentida, tem-se instaurado a percepção da empatia que permite a inclusão numa egrégora que transcende a individualização vigente na sociedade moderna. Michel Maffesoli enfatiza a presença, em nossa sociedade pós-moderna (ou “tribalismo pós-moderno”), do descongelamento do ego e da saturação da identidade desarticulando uma falsa necessidade de um progresso linear, estático e seguro e desmontando, como aponta o sociólogo, “o universalismo do Sujeito e da Razão, avatares de um Deus-Pai transcendental”, pois “não é mais a vertical do cérebro que prevalece, mas o despertar das pessoas em sua integridade”.

Dentre os pensamentos mais trabalhados por Maffesoli, a ótica do tribalismo resgata a relação com o outro, a alteridade, já mencionada, a fragmentação de si em prol da pluralidade de si mesmo, o compartilhamento de ideias e a volta da figura da criança eterna. Nesse estágio, recobro o meu objeto de pesquisa, a casa espiritual Arca da Montanha Azul, que destrinchará, por meio de sua estrutura, o aprofundamento do meu estudo de preservação e reingresso dos saberes femininos e, portanto, sensíveis, no âmbito da sociedade pós-moderna.

Por intermédio dessa tribo, imersa e arraigada em sua conduta, apresentarei dentro da organização a minha capitulação – Palestra Introdutória, Cerimônia Ritualística e Iniciação – coordenada mediante a configuração da casa. Ministrada por Philippe Bandeira de Mello, autor do livro “A Nova Autora de uma Antiga Manhã”, também utilizado como fonte de pesquisa para esta monografia, a Arca da Montanha Azul se valida como um espaço plural e orgânico, dinâmico e elaborado, composto por variadas vertentes religiosas, sem a intenção de segregar quaisquer manifestações de expansão de consciência, fazendo parte, portanto, grandes estudiosos da mente, do âmbito da Psicologia, da Psiquiatria, Ciência Moderna e pós-moderna.

A Arca se manifesta como um ponto onde, pessoalmente, posso não só compreender melhor termos utilizados por Maffesoli – “Destino comunitário, comunidades de destino ” – como trabalhar em cima deles, me sentindo ativa, um indivíduo atuante dentro de zona pouco concreta, cognoscível e distanciada – principalmente pela separação e desvio que usurpou nossa proximidade com o divino e passamos a enxergá-lo como instância final. A Arca vem nesse contra fluxo – assumindo-se já, aos poucos, como fluxo –, avesso ao hábito mecânico e racionalista da sociedade, se pautando na funcionalidade partidária e comunitária, homens e mulheres, jovens e idosos, autorregulando-se dentro da conduta de uma casa espiritual – uma Escola Espiritual – que demanda ações práticas de seus membros para perpetuar sua função, e todos, mediante suas possibilidades, contribuem para que tenham ricos trabalhos.

Essa instância cooperativa de autogestão, solidária e abundante em afetos, bebe no seio da Grande Mãe, e através da aplicabilidade podemos compreender que a sociedade que é convocada, é a sociedade da qual verdadeiramente viemos, de onde pertencemos,

(...) o que nos remonta a um ‘pensamento do ventre’, um pensamento que saiba encarregar-se dos sentidos, das paixões e das emoções comuns, dos afetos: cultura do sentimento! (MAFFESOLI, p. 8)

Nessa condição otimista, conectada e íntima do meu objeto de pesquisa, que vem legitimar meu estudo teórico, sendo um estimulante do outro, represento mais uma mensageira, unida a tantos outros pesquisadores, desse fenômeno que vem a ser a “feminização” da consciência, isto é, do mundo, como um resgate de um sabedoria imanente e intrínseca a todos nós, a natureza que nos cabe conclamando seu espaço, e ela, assim como a Deusa, o ventre que tudo tem e tudo é, requiere seu devido respeito e reconhecimento.

2. GEM E A HISTÓRIA DA ARCA DA MONTANHA AZUL

Recentemente introduzida, como um pré-requisito num dia extra ao trabalho ritualístico, a meditação e a palestra que antecedem a cerimônia espiritual com a utilização da Ayahuasca, vem como uma demanda necessária para esclarecimento sobre a casa espiritual, sobre a qualidade do trabalho oferecido, sobre a utilização da Santa Bebida com estudos e meditação. A essa prática é dada o nome de GEM (Grupo de Estudo e Meditação) para quem já tenha tido ou não experiência

com a Ayahuasca. O GEM não tem uma frequência fixa, ocorre mensalmente e são anunciados no grupo dos Adventícios na rede social.

Em primeiro momento, é distribuído uma ficha com perguntas a serem preenchidas sobre o percurso pessoal do interessado. Fundamental para a convocação que será feita nos trabalhos seguintes, de dez em dez adventícios, com prioridade para quem não é daqui ou está pontualmente necessitado dessa experiência por alguma questão urgente, essa ficha funciona como uma administração das condições psicológicas e saudáveis do ingressante, bem como obtenção dos dados para contatos, pois se torna primordial discernir o estado evolutivo que o indivíduo se encontra para comungar do Daime. Anteriormente, essa palestra introdutória era no mesmo dia da cerimônia, mas devido à procura externa mais intensa, reservam-se algumas sextas que para esse tipo de atividade podendo se estender mais, sem preocupação com o horário de começar a cerimônia, auxiliando com mais zelo o processo de cada adventício.

Em seguida, temos a meditação na qual Orientador da Casa, promove as coordenadas “o principal é a gente ter a coluna reta, a língua no palato, a posição das mãos: a mão direita abraça o polegar da mão esquerda, fecha, formando o símbolo do Tao, mas sempre deixando livre, caso alguém já tenha outra prática de meditação e queira utilizá-la. Lembra de ‘focalizar a atenção na respiração, o ar entrando, o ar saindo’”. E mais: “Quando a gente focaliza a atenção na respiração, percebe que os pensamentos se acalmam, naturalmente”. A ideia é procurar esvaziar a mente, com atenção na respiração, observando os conteúdos “como um peixe no aquário”, “deixando as emoções irem e virem”.

Nessa preparação e apaziguamento da mente, é buscado uma neutralidade para saber receber o que for ofertado no estudo, palestra e na conversa final. Antes de começar o estudo desse dia, 6 de junho, Philippe menciona a abertura que a Arca tem para as demais culturas, entendendo que todas podem conceder conhecimento e iluminações justamente pela diferenciação, enquanto uma não agregou, a outra, em sua doutrina e mensagem, promove um encontro íntimo conectivo. Por essa conduta e postura, ele menciona “nós somos também, um pouco, antropólogos espirituais” e essa afirmação me acalenta, por me legitimar meu trabalho nesta monografia.

Em “Deusas – Os Mistérios do Divino Feminino”, Joseph Campbell, acerca do encontro de religiões e da pluralidade de simbologias e mitos contribui:

Não há de fato nenhum problema em comparar ideias budistas com cristãs e com os mistérios religiosos clássicos. (...) Todos os seres são seres crísticos, e o Cristo dentro de nós deve ser encontrado, reconhecido e transformado na fonte de nosso viver. Isso é puro

budismo; basta usar o termo Cristo no lugar de *consciência búdica*. E depois podemos ler *consciência búdica* aplicando o termo às religiões de mistério. Parte dessa tradição universal comum da morte e da ressurreição – morte da nossa natureza animal e ressurreição da nossa natureza espiritual – já aparece nas inflexões das tradições de mistério presentes da tradição cristã. (CAMPBELL, 2015, p. 221)

O autor corrobora a visão já implementada pela casa. Philippe continua em sua fala elevando o valor do respeito importantíssimo para a casa, à toa não seria possível o culto a variadas divindades. Esse respeito é transportado para a relação com o outro, com o companheiro que dentro do trabalho cerimonial pode estar passando por momentos penosos, por caminhos mediúnicos ou psíquicos, dentro da força da Bebida Sagrada ou mesmo trazendo para o dia a dia a reflexão de perceber o espaço do outro e “deixar ser”, em vez de impor o nosso “dever ser” sobre ele, uma modificação de colocação que, com esses termos, foram aplicados por Maffesoli na concepção da alteração de pensamento da modernidade para a pós modernidade.

Mais adiante, na palestra, ele menciona a conduta comportamental assumida na Arca. Em uma dada passagem do livro “Dançando Sonho, Jamie Sams, compartilhado neste dia do GEM, ele cita que “não existe um guarda olhando por nós” para saber se estamos usando nossa energia vital em nossos dias. Dessa forma, ele indica o procedimento independente do participante ou membro na Arca. Não existe um tratamento rígido que nos mantém doutrinado, sem área de atuação ou mesmo, de certa forma, seguros e protegidos. O que ocorre é que lidamos diretamente conosco sem um encaminhamento que nos retire ou desvie de nosso processo interior. Philippe complementa que esse tipo de prática não é justamente o mais simples ou o mais fácil, mas é aquele que sozinho o adventício ou mesmo o ayahuasqueiro podem encontrar em si forças para lidar com suas sombras e responsabilidade perante suas escolhas, tendo cada vez mais comprometimento com a vida, processos e caminho espiritual.

Essa característica perante a Arca, mais uma vez, se demonstra inovadora dentro dos resquícios de educação moderna que se obteve e ainda, por muito, se obtém. Essa empreitada que reconhece as diferenças, assume-as e abraça-as; que admite a potencialidade dos símbolos e do imaginário; que investe na intuição e nos valores das mensagens presentes em metáforas, mitos ou mitologias; que estimula a interação entre o conhecimento e o viver, sem detrimento de um em relação ao outro; que convida a vivenciar realmente o cotidiano, o presente consciente, estando presente e vivaz entram em comunhão com algumas visões de Maffesoli aplicadas em “Elogio da razão sensível”. O autor trata exatamente de modos e costumes que parecem, no decorrer de suas ideias, elementos distantes, ainda que apresente como dados reais e demandas atuais cada vez

mais evidentes. Como já apontado, ele sugere que o mundo moderno está morto, deteriorado, que a especificação de sujeito e a formação da individuação conhecida pelos moldes racionais e progressistas-intelectuais modernas, está em defasagem. Suscita que nesse antigo modelo a ser superado, a razão dominante e abstrata tinha um cunho acadêmico binário que encerrava o pensamento e o excluía de uma real dinamicidade da vida. E que, agora, temos em voga uma razão sensível, que ressalta uma razão interna, um olhar valorizado nas situações adequando o interno com o externo, o material com o imaterial, revelando uma sintonia de contrários que tem, por objetivo, o resgate a própria vida.

Como transmite em uma de suas ideias, a deontologia vem “reconhecer em cada situação a ambivalência que a compõe: a sombra e a luz entremeadas, assim como o corpo e o espírito, interpenetram-se numa organicidade fecunda”. (MAFFESOLI, 1996, p. 18). Essa atitude esclarecida é um dos componentes consistentes no trabalho espiritual da Arca, já que dentro dos trabalhos espirituais, se aprende a lidar com as sombras, pois conduzido pela Bebida Sagrada, se busca a transformação e a elevação do ser e, para isso, é preciso se apropriar da sua totalidade. E esse resgate de si, essa pluralidade que é despertado de você consigo mesmo, é transpassado para outros âmbitos da sua realidade, seja mais consciente ou inconsciente.

Essa tomada de consciência de si, reflete nas qualidades de trabalho da casa. Isto é, os ayahuasqueiros, não se pode dizer que estão acostumados, mas com trabalhos recorrentes, se firmam mais fortes e despertos o que, por meio dos iniciados desta casa, instaura uma sabedoria com inseridos na egrégora da Sagrada Bebida.

Sendo assim, concluída essa etapa do estudo sobre o livro trazido para reflexões em grupo, se tem início a palestra de fato, com menções sobre o funcionamento da Arca e sobre o trabalho especial realizado por esta casa com a Ayahuasca. Proponho, nesta etapa do estudo, uma interseção informativa com o encontro da GEM, para colaborar na compreensão conceitual e histórica desse Espaço Ecumênico.

Fundada em 1989, o Círculo Holístico Arca da Montanha Azul – Espaço Ecumênico, criado materialmente em 15 de julho 1997, surge a Philippe Bandeira de Mello por meio de uma visão em suas pesquisas e trabalhos com o Daime. Em 1988, ainda fardado pelo Santo Daime, no Céu do Mapiá, tem essa revelação na qual visualiza uma corrente espiritualista formada por diversos religiosos de várias tradições que juntos, de mãos dadas, serviam em prol da cura da humanidade. Essa corrente era guiada por um ser divino, o qual chamou de Leão de Fogo.

Processando essa visão e tentando extrair da mesma seu ensinamento, Philippe intuiu que se, assim como em sua miração, pudéssemos todos dar as mãos pelas situações que nos tornam semelhantes, pelas nossas identificações e correspondências, seríamos muitos mais vigorosos em nossa força vital, superaríamos distanciamentos ideológicos e promoveríamos uma atitude renovada e um direcionamento puro em relação aos conflitos sociais, guerras, injustiças, desequilíbrios.

Em outro trabalho, o guia, o Leão de Fogo, novamente aparece trazendo orientações sobre a fundação da Arca. Propostas, ideais, hinos recebidos, configuram uma identidade singular diferindo se antigas tradições xamânicas ou de outras Escolas – como o próprio Santo Daime ou Barquinha. Esta última, conduzida do Acre até o Rio de Janeiro, em sua primeira filial, acarretou em um hiato de 1989 até 1997 da Arca.

A conduta pluralista da Arca alimenta o seu propósito maior que independe de qual seja sua crença ou seu mecanismo de elevação, o intento é a conexão com Deus. Se “religião” sustenta dentro da própria etimologia da palavra essa “religação”, esse encontro com Deus, a Arca visa oferecer um espaço harmonioso e de respeito aos Mestres e Guias espirituais de casa um, num diálogo com seu Eu Superior, o Si-Mesmo, o Atman, o Cristo Interno; é ofertado um ambiente para trabalho, educação e cura espiritual. Objetiva fortificar a relação com o divino em suas variadas camadas: Jesus, Krishna, Buda, Lao-Tsé, Anjo da Guarda, Guias de Luz, Animais de Poder ou qualquer que seja o canal da pessoa para encontrar sua fortaleza. São providas, ainda, ensinamentos, músicas, preces, hinos, ritos, meditações e estudos de diferentes Tradições espirituais, equilibradamente, perscrutando em cada mensagem de sabedoria atribuídas as passagens, mitologias e representações divinas.

Como consta na contribuição das pesquisas de Joseph Campbell sobre a Deusa – o Divino Feminino –, seu posicionamento em relação aos mitos e as várias tradições sagradas se encontra com a pluralidade imanente na Arca:

As energias da natureza estão presentes no mundo exterior, mas também dentro de nós, posto que somos partículas da natureza. Portanto, quando meditamos sobre uma deidade, estamos avaliando os poderes de nosso próprio espírito e psique, poderes que também estão *lá fora*, no mundo exterior. Percebemos que, em praticamente todas as tradições religiosas do mundo (com raras exceções), o objetivo é que o indivíduo se coloque em harmonia com a natureza, com a sua natureza, e isso traduz a saúde, tanto física como psicológica. Estas são o que nossas tradições denominam de religiões da natureza, e as deidades não são instâncias finais, mas sim referências a energias espirituais. Portanto, quanto a mitologia é compreendida de maneira adequada, o objeto reverenciado e

venerado não é uma instância final. O objeto reverenciado é a personificação de uma energia que habita dentro do indivíduo. A referência mitológica tem duas modalidades – a da consciência e a dos potenciais espirituais internos do indivíduo. (CAMPBELL, 2015, p. 45)

Logo em seguida, o autor sugere a visão pacífica em relação aos mitos compreendendo dele um vínculo conectivo, fortalecendo a imagem da Deusa dentro da ligação e do despertar espiritual:

A Deusa é uma conotação tanto da energia do tempo solar absoluto quanto do reflexo da continuidade e energia solares do campo do tempo. Ora, se pensarmos que o centro do mundo é o centro do símbolo especial do meu culto, passaremos a nos relacionar não com o mistérios espiritual, mas apenas com nossa própria tradição social. Como mencionei, esta é uma questão importante em relação aos símbolos: eles não se referem a eventos históricos; eles se referem, através dos eventos históricos, a princípios espirituais ou psicológicos e forças de ontem, hoje e amanhã, e que estão em todo lugar. (CAMPBELL, 2015, p. 86)

Ainda sobre a diversidade de deidades reverencias, dialogando com os outros autores mencionados, o sociólogo Michel Maffesoli aborda sua reflexão sobre um pensamento orgânico, uma adequada composição de pensamento a uma nova ordem social:

E ainda que isso possa parecer paradoxal, um tal pensamento orgânico é propriamente o que pode permitir compreender a nova ética social em gestação feita de cooperação, de novas formas de solidariedade, de atitudes caritativas e outras manifestações de socialidade, cujos contornos ainda estão mal definidos, mas cuja importância cresce cada vez mais. (MAFFESOLI, 2015, p. 76)

Incluída nessa “nova ética social”, a Arca é um espaço para a vida em harmonia entre as diversas culturas e Tradições Sagradas. O equilíbrio é incentivado por meio do respeito e convivências com seriedade, elevando a espiritualidade, pois ingerimos conhecimento, que vem da sabedoria ancestral de remotas heranças religiosas, que não consente ideologias de pregação hegemônica ou preferencial. A globalização e o acúmulo de informações, pessoas, atividades que são próprios da pós-modernidade convivem cada vez mais conscientes do presente, da vida em movimento; administrar e viver com suas camadas, contornos, nuances, recortes dentro da totalidade da sua variância nos instrui a lidar com a completa e complexa verdadeira realidade – sendo a solidariedade e a compaixão imprescindíveis entre as culturas.

Um dos desafios apresentados pela Escola Espiritual – é preciso reconhecer que cada encontro é um trabalho, um aprimoramento do seu caminho interior, portanto, um aprendizado – é o participante, primeiramente, conviver num estado alterado de consciência com outras formas religiosas processando em si um desvelamento de véus da consciência limitante, do ego desviador, desenvolvendo, ou mesmo reencontrando, a virtude de conviver com as diferenças, e

mais, percebendo a costura harmônica das disparidades. Nesse primeiro despertar, que ocorreu comigo, e intuo que com muitos que retornam a casa, é que tamanho é o seu bem estar de trabalhar realmente na liberdade de não se bloquear e se paralisar pelas dissonâncias – e acreditem, elas saltam e atravessam o seu processo espiritual, em níveis que você, inclusive, se entendia saciado e sem questionamentos –, que é possível acalmar a mente e receber o processamento psicoespiritual mediante o seu preparo naquele dia; ou mesmo um trabalho mediúnico de manifestação de seres acessíveis que acoplam com seu corpo astral acarretando conjuntamente numa prestação de serviço. Os caminhos, ou as qualidades de trabalho, variam e se sobrepõem livremente; o que se torna valioso e envolvente, efetivamente, é o estado de graça, de encantamento pela vida, que mesmo após angustiantes trabalhos, planam sobre os corpos, sobre as mentes e sobre outros irmãos que também obtiveram sua particular peregrinação espiritual. Até porque, mesmo em trabalhos mais dolorosos, é concebível ter um saldo da experiência, sabendo sempre que está tudo bem, houve um teste difícil, mas que ficou no passado, a luta já foi travada. Essa reflexão por si só, suaviza e fortalece o espírito, porque novas batalhas virão, com ou sem a Bebida Sagrada.

Em consonância com o meu relato pessoal, encontro fundamento na reflexão de Campbell:

É necessário perder a cabeça, deixá-la cantar e esquecer toda a vida terrena. Mas, após a iniciação surge uma mostra superficial de harmonia. Como diz Goethe: ‘Tudo repousa bem em Deus, o Senhor. Toda fadiga, toda luta repousa bem no divino. Portanto, se pudermos nos livrar do medo e do desejo e assumir a postura do êxtase, da estase estética, o mundo cantará. É *aqui*. Como consta do Evangelho de Tomé: ‘O Reino do Pai está espalhado sobre a terra, e os homens não o veem’. Não o vemos porque temos medo e estamos cheios de desejos, mas, se estes forem eliminados, veremos. Portanto esta é a condição daquele que sonha. A toda volta vemos o caminho da iniciação, o caminho para passar por ela, para compreender nossa androginia metafísica e nossa imortalidade, que anda de mãos dadas com a nossa mortalidade. Ao compreender essas coisas, perceberemos que estamos bem – e que também o mundo está bem. (CAMPBELL, 2015, p. 261)

O treinamento não separatista da Escola revela a condição inter e trans-religiosa fundamentada na prática transcultural. A integração trazida nesse formato conduz dois caminhos frontais: salvaguardar a diversidade cultural (com ênfase às tradicionais de saberes arraigados, porém ainda ocultos) e fortificar uma identidade cultural e consciente de respeito e convivência com a multiplicidade. Esses são princípios da pós-modernidade como nota Maffesoli:

A época é de pluriculturalismo, e todas as filosofias, religiões, maneiras de ser e modos de pensamento que consideramos arcaicos, retrógrados, ou simplesmente anacrônicos, estão agora solidamente estabelecidos no próprio seio de nossas sociedades. Sendo

assim, o momento não é mais de desprezo, ou de lamentação desolada, mas sim de abertura de espírito. É somente sob esta condição que, bem longe das frivolidades que nos são – com exagerada frequência – habituais, saberemos responder aos desafios que nos lança a pós-modernidade. (MAFFESOLI, 1998, p. 36)

Há um objetivo no âmbito pessoal e psicológico de auxílio investigativo das dimensões da consciência que possibilita o combate a qualquer tipo de dependência, seja mental, material, emocional ou espiritual; a Arca, ideologicamente, se coloca num caminho oposto às drogas ou qualquer tipo de aprisionamento, corroborando aos frequentadores que se desobstruam de quaisquer ilusões, religiosa, intelectual, química, simbólica ou de outra origem. Como meta de resgatar a conexão, constatamos um ambiente de cura contra abusos espirituais, bloqueios apreendidos em processos de individuação, valores que enraizados que foram transpassados dentro do modelo vigente, esse em decadência, hierarquizado pela razão e distanciado da emoção.

A coletividade impera em sua expressão livre de compartilhamento, com condução dos mais apegados, a modelos cerceadores, a caminhos de livre expressão alinhados com a consciência espiritual, sendo inseridos em um Amor universal unificador que renega qualquer atributo de desagregação. Todo esse conjunto purificador é guiado pela vertente positiva da disciplina e do comprometimento sem se desintegrar com a espontaneidade, a alegria, a suavidade.

Resgato considerações de Michel Maffesoli, que enfaticamente aborda o declínio de uma mente puramente racional, que ele chama de “racionalismo abstrato”, dando lugar a um novo canal de compreensão compreendido por “raciovitalismo”, “que sabe unir os opostos: operar conhecimento, e, ao mesmo tempo, perceber as pulsões vitais, saber e poder compreender a existência”, considerando que “a razão interna é, na verdade, um modo de vincular os dois, de vislumbrar sua complementaridade, de apreciar a sinergia de seus efeitos.”

A utilização do Vinho Divino/Bebida Sagrada/Ayahuasca como instrumento de trabalho, tópico que destrincharei apuradamente em seguida, suporta em orientações, singularmente e particularmente, cada pesquisador com apropriadas revelações configurando uma emancipação e um empoderamento da sua trajetória espiritual. Dessa forma, os trabalhos, ainda que obtenham uma diretriz e um direcionamento, não se estruturam em uma rigidez, pois não há uma administração inflexível e endurecida; o explorador descobre em si a firmeza e consistência necessárias para trilhar consigo e com os demais.

Em seu livro, “A Nova Aurora de uma Antiga Manhã – Surpreendentes diferenças entre as Plantas Sagradas – As propriedades misteriosas dos Enteógenos”, Philippe cita parte do empenho aplicado:

Essa é uma característica da Arca da Montanha, Escola espiritual-terapêutica inter-religiosa enteogênica que fundei: através do esvaziamento meditativo da mente, renovar nossos ‘odres’, nossos sistemas de referência, para receber o ‘vinho novo’ da experimentação viva com a psique, com o Si-Mesmo; buscar, sem fronteiras, nas várias tradições espirituais de diversos tempos e lugares, nos avanços da ciência moderna, bem como em nosso mundo interior, novas formulações para conter o ‘vinho novo’ da experiência direta, que, sem enquadramentos excessivos e inibidores, vai sempre sendo renovada. (MELLO, 2015, p. 64)

Na Arca não há uma instrução especializada, ou seja, um guru, professor, mestre, ou padrinho, todos são alunos e educadores uns dos outros, buscando colaborar no encontro de cada um com sua identidade mais profunda, o Cristo Interior, o Buda interno, a Centelha Divina.

Respaldados na sabedoria chinesa do Tao, do “não agir”, irrompe-se com mais naturalidade numa ação harmoniosa, em vez de difusa e condicionada. A ação está embutida numa consciência de união, distante do modo regulador da mente – renunciado em suas limitações junto com padrões do passado. O movimento consciente, por sua vez, pode ser ora num momento adequado, ora numa natureza fluida e intuitiva. Nesse tópico, Maffesoli acessa o mesmo lugar, quando fala da queda do conceito a fim de dar lugar pela alusão, metáfora, mitologia, notação e símbolo ultrapassando o enclausuramento palavra. A não-ação é uma passividade, ela dá espaço para reflexão e processamento, para que a atitude tomada seja mais relacionada às profundidades de outrem. Esse não agir é “um princípio de não-atividade e de participação no todo, um princípio que mais sugere do que delimita com precisão. É isso, a organicidade das coisas e das pessoas; é isso, o pensamento orgânico que a exprime”. (MAFFESOLI, 2015, p. 76)

Após essa interrupção, restauro aqui a ordenação na palestra presenciada que segue com as perguntas e esclarecimentos o enteógeno²utilizado e sobre a casa. Um dos primeiros pontos levantados a respeito da Ayahuasca e um dos temas centrais do livro de Philippe é a desmistificação a respeito do preconceito com os efeitos do chá, atrelado e, portanto, mal visto e mal interpretado, aos efeitos de drogas, alucinógenos ou demais entorpecentes.

²O significado desse léxico que melhor abrange a totalidade da Planta Sagrada é proveniente do seu significado “o advento do Deus dentro de nós”, conceito desenvolvido por pesquisadores que trazem à tona seu amplo despertar amparando o estudo científico e os grupos de diversos tempos que utilizavam elevando seu cunho religioso.

Particularmente, a mim, o Daime se apresentou como um descortinador. Brevemente antes da minha primeira experiência, que foi no Natal de 2015, eu já estava em um processo de resguardo energético-espiritual, querendo e aos poucos, mas com idas e vindas, reduzir a utilização das drogas que ingeria diariamente – desde tabaco e bebida alcoólica a *cannabis* e LSD, esses dois últimos com menos regularidade. Comecei a refletir sobre o porquê de consumir, o porquê da quantidade excessiva, o que eu buscava nessas atividades, qual era a diferença de utilizar sozinha e com os outros, o que me fazia retornar àquele lugar alterado e qual era a minha origem, força-motriz que me levava ao consumo. Naturalmente, foi o fato financeiro que deu um alerta, despertei vontades de realizar outras atividades e, no entanto, o gasto contínuo que eu tinha com drogas inviabilizava outros investimentos. Foi nesse período em que adotei um novo olhar para o meu bem-estar e saúde física, saí de um sedentarismo e o exercício físico se tornou uma prática diária. Dessa forma, estava indo em um caminho completamente oposto das comodidades e dos padrões comportamentais sedimentados.

Nas minhas considerações feitas em relação às drogas, me reconheci inteiramente relacionada com o a consciência alterada. Finalmente acessei que o meu prazer era poder desvirtuar minha mente, me liberando de certas amarras da consciência. Dessa forma, fugia do próprio centro, mas que nas experiências práticas de embriaguez, ainda assim, usufruí de grandes momentos de aprendizado e desenvolvimento. No entanto, o movimento era muito claro, inclusive com vestígios de amnésia e lapsos de memória, que o desempenho rotineiro estava me atrasando em outras esferas que começaram a ter superior relevância.

“A Nova Aurora de uma Antiga Manhã” fundamentou, o que vinha sendo suturado em outras leituras, sobre questão do envolvimento com a alteração da consciência, a percepção da realidade em outras dimensões, a abertura de novos olhos em relação a realidade. Meu contato com a droga, por fim, em sua raiz se resumia neste aspecto, meu prazer era “sentir mais, sentir diferente” ou “sentir melhor”. Phelippe complementa minhas impressões:

Muitos que se lançam nas drogas experimentam um anseio de plenitude, de mudança de consciência, visam abrir novos caminhos dentro de si mesmos, encontrar renovadas perspectivas para compreender, lidar e até melhorar o mundo, a sinistra ‘realidade’ que aí está, criada pelo próprio homem. (...) No fundo o problema da droga é uma tentativa, ignorante e, por isso, muitas vezes, malograda, de vivenciar um novo nascimento; uma busca de cura e renovação.(MELLO, 2010, p. 23-31)

Quaisquer dúvidas que poderiam haver sobre meu processo adicto – um procedimento que intuo acontecer com um bom número de pessoas –, foram sanadas nessa parte inicial do livro. A

investigação e o maravilhamento eram em torno de almejar uma nova apreensão de sentido, caminhar por espaços sagrados e elevar. Meu processo anterior comungou com o processo inserido na força divina da Bebida Sagrada, o que purificaram com suavidade e sem opressão esse intenso progresso alcançado.

A Ayahuasca, portanto, diferentemente da droga, não fará o explorador fugir de suas questões, afastar de seus objetivos centrais e propósitos inerentes a alma, aqueles que vão de encontro com um bem estar e sensação de plenitude. Enquanto com o álcool, tabaco e *cannabis*, vislumbrava projetos cada vez mais distantes, seja pela questão financeira ou física, espiritual ou intelectual, com o Daime o processo é de aprofundamento e, assim sendo, sair de você é o mais complexo. O exame minucioso, a atividade terapêutica fortalecem a medida que se recebe ensinamentos e instruções, através do contato com seu Eu Superior, com Mestres e Guias, bem como através dos hinos, cânticos, salmos ofertados, ou músicas de trabalho mediúnico mais intenso, que nos reposiciona perante a transformação. A Bebida que educa, também é aquela que nos expande com visões, as chamadas mirações, que revelam ou mesmo resgatam vidas passadas, antigas histórias vividas com outras pessoas; por vezes pode trazer forças premonitórias e oraculares, respostas para questões que parecia não ter solução.

Com isso, muitas pessoas ficam receosas com o exercício espiritual proposto pela consagração da Planta Sagrada porque, além de tudo citado, pode abrir canais de paranormalidade como clarividência, telepatia, encontrar alguém que já faleceu. E não há nada de errado com esse procedimento de ampliação. O que problematiza, como comenta o Phelippe, é que a “nossa vida que não nos dá instrução”. Sentimo-nos constantemente perdidos na via espiritual e religiosa porque sempre foi uma área de extrema dominação e exercícios de autoridade, catalogando o que é válido e o que não é, excluindo o que não se comporta dentro da hegemonia normativa vigente. É fundamental mencionar, em seguida de desdobrar os atributos da Arca, que suas propriedades ideológicas e geradoras, só fomentam os resultados e impressões apresentados por Joseph Campbell, em seu estudo histórico sobre a formação de religiões, isto é, propriamente, a Tradição da Deusa, os mistérios do Divino Feminino. Para ele, historicamente, a Deusa carrega uma sabedoria nata, demonstrada pelas artes e pelo percurso da mulher comportamental em relação à natureza, que é sustentada por um tripé formado por vida, morte e realizações espirituais. Na época Neolítica, entre 10000 a.C. e 4000 a.C., as comunidades agrícolas conviviam em paz e harmonia. Não coincidentemente, era uma época em que se consistia a integração entre os

indivíduos; o retorno à Deusa, proposto e reconhecido na disposição da Arca, prenuncia o surgimento de uma nova consciência que vê a humanidade como parte do Todo, da Natureza, do cosmos, aceita a sacralidade da vida e a imanência do divino. O mistério da Deusa compõe a própria vitalidade do ser, com seus enigmas envolvidos por sua – nossa – força interior, razão interna que consiste em tudo e que promove a progressão da total da realidade. No desconhecido se depara com a força que sustenta toda a vida física. O imaterial, portanto, que é a base de tudo que existe aos sentidos humanos, a percepção da consciência. Campbell corrobora para essa visão quando diz:

A temática mostra como todo o nosso foco e concentração poder ser levados das preocupações básicas e exclusivas de nossa existência animal para o despertar de um senso objetivo espiritual para a nossa vida, sendo que o aspecto animal de nossa vida deve oferecer suporte a essa empreitada e não frustrá-la. (CAMPBELL, 2015, p. 221)

A Terra viva é a própria Deusa que nutre, ampara e abriga em seu corpo. Ao trilharmos seu caminho, iremos lembrar que não há separação, apenas a união. Dessa forma, se angaria responsabilidade e comprometimento com tudo o que existe, pois permeia em todos o espírito que fortalece a matéria. Reconhece-se em tudo o que existe a própria individualidade, designando a formação de identidade o vínculo intrínseco com o outro, com o externo. Na veneração simbólica feminina não obtemos a superação presente no patriarcalismo racionalista e discriminador, e tampouco encontramos a dominância do feminino sobre o masculino. Muitas das incompreensões atuais a respeito dos movimentos feministas sociais e da força da mulher que se procura nessa sociedade, que não abraça a magnitude, é por tentar entender e projetar, racionalizar, portanto, que será aplicado a mesma configuração atual de soberania sujeitando o homem ao estado em que a mulher tem se encontrado por (quase) toda a humanidade: de submissão.

Tão dispare é a realidade mental e masculina dos propósitos da Deusa, que é demandado uma renovada interpretação da humanidade e funcionamento da sociedade. Não se pode apreender sentido da força feminina pelo viés masculino ordenador. Se são opostos, e se complementam, a potência da natureza não pode se classificar pelo poder mental humano. Isto é, a potência feminina não pode ser, e nunca será, concebida por outra veracidade que não a dela.

Em tempos de guerras, conflitos, abusos, discriminações e a total exclusão entre os humanos e, em uma escala maior, com todo o exterior que os circunda, se atinge o apelo de recuperação interna e total de uma completude amplamente machucada que suplica por cura. A Deusa é o

símbolo da cura necessária para nossa sobrevivência. Resgatando seus valores, resgatamos tempos de paz e harmonia, com a potência e o poder unificados prosperando em serenidade entre homens e mulheres, povos e nações, certificando um tratamento absoluto que nos traz uma renovação social, cultural, política e espiritual da humanidade.

A expansão de consciência proveniente da Ayahuasca e outros enteógenos confirma, em primeiro momento, um reencontro terapêutico e pacificado com a natureza. A simbologia da Deusa presente em tudo o que há, revigorada na fortaleza da terra, das plantas, dos elementos, das pedras, dos ciclos de tempo e climas, paira sobre todas as propriedades bio-psico-espirituais do praticante da Bebida Sagrada.

A cura terapêutica se apresenta, portanto, como um tratamento da nossa individualidade que, se conectando com a natureza e, portanto, com a Deusa, se revigora em plenitude física e espiritual intensificando nossas metas e desígnios missionários. Para tanto, ocorre concomitante a esse processo de fortalecimento, uma limpeza, organização e purificação dos caminhos já percorridos. Dessa forma, vômitos, enjoos, mal estar, desconfortos e agonias estão inseridos dentro do realinhamento, como é prevenido aos iniciantes nessa palestra. A Santa Bebida funciona como uma medicina preventiva também. Assim como nos limpamos e nos renovamos do nosso passado, do nosso eu morto, nos dispomos aseados e mais íntegros para as questões futuras. Para um trabalho repleto com a Planta Sagrada, é solicitado uma dieta, uma pré-limpeza, que prepara o espírito para a investigação, já se desprendendo de atividade sexual, consumo de carne e bebida alcoólica, maus pensamentos e desavenças no dia anterior a comunhão. A cirurgia requer permanência até o final do trabalho, por maior que sejam os desconfortos vivenciados. Justifico que a palestra, com suas perguntas e esclarecimentos foi transposta por mim muitas vezes, em vez de narrar efetivamente as questões, a fim de tornar mais consistente esse material. Por fim, se especifica as necessidades práticas quanto à vestimenta sempre branca, bege ou mesmo de cor clara para os adventícios que não tenham essas peças, com o intuito de receber purificada e espiritualmente as energias divinas dentro da cerimônia. Para mais, indica a contribuição no valor de 35 reais para a manutenção da casa e gastos com a bebida, que tem seu feitiço original adquirido pelo Jardim Praia Beira Mar.

Em suma, sem precisar voltar a estruturas e comportamentos pré-históricos, podemos vivenciar as sabedorias antigas, ancestrais e indígenas, dos cultos que celebravam a vida, a Terra e a sacralidade do útero. A aceitação e o acordo pacífico com a natureza recolocam o homem a

mulher equilibrados com as mutações e transformações, se reconhecendo nelas e admitindo que elas, interna ou exteriormente, nunca vão parar de existir.

Correspondentemente, é nesse solo que colhemos frutos dentro da Arca da Montanha Azul, numa convivência integrada e íntegra, pois é assim que os corajosos conhecedores da Ayahuasca retomam suas vidas, fortalecidos, preparados, guarnecidos e instruídos pela força do Eu Divino, pela força do Todo, que é espiritual.

3. CERIMÔNIA RITUALÍSTICA

Mais do que uma razão *a priori*, convém pôr em ação uma compreensão *a posteriori*, que se apoie sobre uma descrição rigorosa feita de convivência e de empatia (*Einführung*). Esta última, em particular, é de capital importância, nos faz entrar no próprio coração de nosso objeto de estudo, vibrar com suas emoções, participar de seus afetos, compreender o complexo arabesco dos sentimentos e das interações de que ele está impregnado. Por isso mesmo, o observador social não tem pretensões à objetividade absoluta, não tem uma posição impositiva, não é o simples adjuvante de um poder qualquer que seja; ele é, simplesmente, parte integrante do objeto estudado, desenvolve um saber puro, um conhecimento erótico. Coisas que induzem a uma sociologia acariciante. (MAFFESOLI, 1998, p. 46)

Perpassada a etapa de apresentação e prévios questionamentos acerca da Arca da Montanha Azul e da Ayahuasca, alguns adventícios são convocados para celebrarem a cura e a revitalização do espírito na cerimônia. A Casa, em geral, comporta uma cerimônia 100 pessoas, dispondo de um gerenciamento de senhas numeradas, chegando a um limite máximo de 120 em efemérides sagradas, não sendo possível comportar tantos iniciantes pela limitação do espaço físico e pela estrutura numérica básica dos membros iniciados da casa, que auxiliam nos trabalhos dos demais. O ritual da Arca, em primeira instância, recoloca o grupo em um momento de recolhimento, concentração e foco interno, trabalhando no silêncio a quietude na mente, guiado pelo Orientador Espiritual da Casa. Somos convidados a nos reconectar com o Eu Interior. Feito esse silêncio, é sugerido que todos inspirem e expirem profundamente três vezes, procurando colocar suas mentes no vazio. Após este pequeno processo, Philippe faz a leitura do texto que realiza a abertura oficial do trabalho, evocando todos os mestres das mais diversas tradições com as quais a Arca trabalha. Encerrada a convocação da “guarnição”, é enunciado o mantra para Nrasimhadeva, deidade hindu fundadora da tradição arquense – o Leão de Fogo das visões. Após esse pequeno rito inicial, a Sagrada Bebida é servida. São formadas duas filas, uma delas onde a prioridade é dada para os adventícios, em que o próprio Philippe os serve. Esta mesma fila

continua sendo formada por pessoas que tem pouco tempo de casa, na medida que os visitantes de primeira vez consagram a ayahuasca. A segunda fila é formada primeiramente pelos músicos, para que eles possam participar dos cantos que começam a seguir. A pessoa que serve a bebida é algum(a) iniciado(a) de longo tempo de casa, sem ser um(a) em particular. Pessoas com mais tempo de casa continuam na formação desta fila, após os músicos realizarem sua consagração.

A respeito da cultura das religiões de mistérios, com processos iniciáticos, Campbell, menciona os cultos de mistérios de Elêusis (centro dos mistérios gregos) e do Caminho Sagrado que o povo de Atenas cruzava em procissão em determinados períodos do ano, com o escopo de usufruir um caldo de cevada e, depois dessa bebida, presencias representações dramáticas dos mistérios nos santuários de Elêusis. Ele contribui com uma pesquisa que sugere que a cevada utilizada no caldo poderia conter um fungo alucinógeno, chamado *Clavicepspurpurea*, que contém um composto precursor do LSD. Posto isso, ele complementa: “A teoria é que uma dose muito pequena desse fungo estava presente no caldo. Portanto, os iniciados tinham seus próprios poderes alucinógenos ativados em sintonia com as apresentações rituais dentro do templo.” (CAMPBELL, 2015, p. 229)

Com esse resgate, é percebido que o estado alterado da mente acompanha a trajetória da humanidade desde a Antiguidade. Estamos intimamente ligados aos processos de expansão de consciência, tendo em vista que buscamos isso diariamente estimulando-a de formas distintas. Com um enteógeno, no entanto, se procura realmente elevar o espírito em busca de transformação. Ele religa o usuário a valores e percepções amplas acerca da vida e da morte – dois dos seus nomes, inclusive, são “cipós dos espíritos” ou “pequena morte”. Philippe em seu livro trata dessa qualidade mística do enteógeno.

É impressionante que um dos fatores comuns a todos os Enteógenos mencionados nesta pesquisa, a Ayahuasca, o Peiote, a Iboga, o Wachuma (São Pedro), os Teonanactl (cogumelos sagrados) e a Jurema, é o de trazer uma nova compreensão acerca da morte. Nesse ponto, de novo sua ação psicológica, existencial e espiritual é estranhamente familiar. Todos levam à conclusão de que existe vida após a morte, e de que convivemos com realidades paralelas invisíveis, com as quais podemos nos comunicar, e que atuam implacavelmente sobre os seres humanos, quer estejamos conscientes disso ou não. (MELLO, 2016, p. 131)

Para auxiliar no entendimento total relativo a atividade espiritual, retorno às artes dos períodos Paleolítico e Neolítico, abundante em sua referência a Deusa e as faculdades próprias do feminino, temos contato com a Cabeça Warka, uma estatueta suméria, datada de 3200 a.C. que

inscreve uma nova inspeção, enfatizando uma camada simbólica e misteriosa inerente a essa Tradição.

Nas primeiras formas do feminino nos períodos Paleolítico e Neolítico, vimos que a ênfase estava nos seios e quadris, na mulher como deusa do nascimento e da fertilidade. Nessa máscara contemplamos outro tipo de fertilidade que a Deusa representa – a fertilidade do espírito. Assim como o passado é transformado em futuro pela Deusa, também a vida material é traduzida para o espiritual. Essa cabeça é o feminino não como gerador da vida física, mas como musa, transformadora do espírito. O nascimento virginal, o nascimento de nossa vida espiritual – eis o que está representado nessa peça. (CAMPBELL, 2015, p. 115)

E mais adiante ele encerra: “Toda a inspiração de vida, seja física ou espiritual, vem da Deusa”. Isto posto, voltamos a inclinação espiritual do enteógeno sendo legítimo para fazer um paralelo em relação às representações espirituais da Deusa. É instigante associar a convergência ideológica entre as plantas ou elementos naturais expansionistas com a espiritualidade própria da Deusa, nessa Tradição antecessora. Claramente, ao mencionar o consumo de propriedades da natureza, atrelamos a Deusa em sua zona de influência, mas podemos também, abrir a um lampejo de que os enteógenos, em sua essência, são soldados da natureza, soldados praticantes do Sagrado Feminino. Compreendido que ela é Todo, como o universo que nos abarca, sendo o útero da sua constante nutrição, o que é de mais natural e que nos estimula à espiritualidade, é não somente pertencente mais intrinsecamente unida à fonte materna. Os enteógenos são como o cordão umbilical que nos possibilita a nutrição e o fortalecimento espiritual diretamente da origem. Com a Ayahuasca, e com o encadeamento energético dentro da Arca da Montanha Azul, recebemos em Casa, nesse útero com líquido amniótico Azul, toda a proteção e todas as bênçãos dessa mãe de poder transcendental no pico da Montanha.

O trabalho espiritual na Arca da Montanha Azul é dividido em três momentos. No primeiro, que é definido por Philippe Bandeira de Mello como um processo de limpeza, são evocados cânticos diversos (salmos, mantras, orações, hinos arquenses e de outras tradições) com o propósito de produzir uma harmonização no ambiente. As mais diversas deidades, entidades, santos e orixás são convocados para realizar a guarnição na Casa, auxiliando neste processo. Esta primeira parte dura em torno de 1 hora e meia a 2 horas. É recomendado a todos os seres humanos presentes dentro do trabalho – iniciados e visitantes – que permaneçam sentados e de olhos fechados, como forma de se conectar de forma mais orgânica e contínua com o seu Eu interior. Todos presentes – convidados e iniciados – são incentivados a cantar os cânticos em conjunto com a banda da Casa, como forma de “fortalecer” a corrente energética do ambiente, produzindo maior conexão – e

consequentemente cura – para todos os envolvidos dentro da mesma. Segundo as palavras de Philippe Bandeira de Mello, quanto mais forte o coro, mais forte a corrente. E quanto mais forte a corrente, mais cura essa corrente viabilizará. Apesar da recomendação para que todos estejam o tempo todo sentados, a circulação e a mudança de lugares é sempre possível, pois a casa trabalha com esse tipo de liberdade durante todo o seu trabalho. Sendo orientado intuitivamente sobre quando se deve encerrar esse primeiro momento do ritual, Philippe anuncia que todos devem se levantar, guardar suas cadeiras que o segundo momento do trabalho está prestes a começar.

Antes de adentrar nas tarefas espirituais inseridas do trabalho que desencadeiam para a segunda parte da cerimônia, abro uma lacuna para tratar das particularidades do feitio do Daime, bem como introduzir um conteúdo fundamental para a compreensão da trajetória do uso da Bebida Sagrada por mestres brasileiros reconhecidos, ou seja, um alargamento da prática ayahuasqueira.

Dentro das propriedades originárias do Daime, a bebida é produzida a partir da decocção de duas plantas nativas da floresta amazônica: o cipó *Banisteriopsiscaapi* (mariri ou jagube) e folhas do arbusto *Psychotriaviridis* (chacrona ou rainha) que contém o princípio ativo dimetiltriptamina. Seu emprego foi difundido, principalmente, por três novas metodologias religiosas – recebidas dentro da consagração da bebida – que serviram de experiência basal para a criação da Arca – através do contato do Phelippe com estas.

São elas o Santo Daime, a Barquinha e a União do Vegetal. O Mestre Irineu, com o Santo Daime, foi o precursor e o estimulante, para a reverberação em seguidores e aprendizes, para que desenvolvessem posteriormente as outras Escolas Espirituais. Naturalmente, o escopo não era disseminar outras vertentes psico-espirituais; assim como com o Mestre Irineu, o Frei Daniel Pereira de Matos e o Mestre Muniz, também apreenderam em seus trabalhos espirituais as novas metodologias que fundaram, a Barquinha e a União do Vegetal, respectivamente.

O hiato entre a fundação da Arca e seu período de atividade foi devido às atribuições em viabilizar a fundamentação de uma filial da Barquinha, originada no Acre, no Rio de Janeiro. Como ambas as ocupações foram recebidas pelo Philippe, o firmamento dessas Escolas demandaria um processo administrativo ponderado.

Sobre as instruções recebidas por esses mestres, se verificam exercícios com alto nível de qualidade, como a admissão de novas músicas, hinos, rezas a serem inseridos dentro da egregóra religiosa. Acerca da parte musical, Phelippe sustenta dizendo:

É impressionante como nos deparamos em nossos estudos dessa complexa matéria, com a utilização da música, do canto, da dança, e outras tecnologias do transe associadas a vários Enteógenos. (...) podemos encontrar em cultos de diferentes Enteógenos (...) a dança e o transe como caminhos para penetrar em domínios superiores da Criação, para contatar outras dimensões de realidade ou do inconsciente, em termos psicológicos. Embora ambas as Escolas possuam as duas dimensões de forma integrada, no Santo Daime nos deparamos tanto com o transe obtido através de um bailado sagrado mediúnico, enfatizando o intercâmbio e o aprendizado com os Seres de Luz, como na Barquinha de Frei Daniel, quantos com um transe que enfatiza o acesso ao mundo intrapsíquico, as riquezas e Sabedoria interiores, como encontramos nas Escolas de Mestre Irineu e Padrinho Sebastião. (MELLO, 2010, p. 125)

Com essa ligação, podemos adentrar na segunda parte da cerimônia. É reaberto a oportunidade – facultativa – para consagrar a Sagrada Bebida com as filas que desta vez são formadas de forma completamente aleatória, onde todos podem entrar. Esta é uma parte do trabalho que é inspirada no Bailado da Barquinha, tradição ayahuasqueira brasileira que adotou dentro dos rituais a prática de tocar pontos para entidades e orixás, como forma de produzir também cura através da liberdade de expressão corporal. É importante enfatizar que existe uma diferença marcante entre esta tradição de bailado da Barquinha das práticas da Umbanda, pois dentro da tradição ayahuasqueira não são realizadas consultas junto às entidades. É um bailado que tem como finalidade produzir uma conexão energética e corporal mais ativa entre o indivíduo e seus guias e orientadores espirituais. Em um processo que, dentro da Arca, por ser parte de um segundo momento do trabalho, acaba aprofundando processos que se iniciaram dentro do momento de concentração da primeira parte do trabalho. A circulação de pessoas, dentro e fora do salão, é mais livre dentro desse segundo momento – ocorre espontaneamente a utilização de outra medicina indígena admitida pela Casa: o rapé³.

Visto que ficar dentro do bailado – que ocorre no sentido horário dentro do salão - não é algo obrigatório, mas apenas opcional. Essa parte do trabalho dura em torno de duas horas a duas horas e meia. Em uma nota de rodapé, utilizada pelo Phelippe em seu livro, temos:

Junto a isso, o bailado giratório em torno do coreto: o bailado mediúnico configura espécie de meditação dinâmica, que pouco a pouco desvela aos merecedores os segredos de suas próprias almas e vidas, bem como os mistérios da natureza e duas dimensões invisíveis, ocultas aos olhos despreparados do homem comum de nossas sociedades contemporâneas. (MELLO, 2013, p. 183)

³O rapé consiste em tabaco com outras ervas e cinzas de árvore moídas constituindo um pó que é aplicado nas narinas. Seu uso se configura como uma medicina ancestral e indígena cujo efeito também é de despertar e iluminar a consciência. A impressão de sua finalidade é direta, diferentemente do Daime, produzindo abertura do chakra frontal, o do terceiro olho, expandido a mente abrindo-a para a espiritualidade e várias camadas de sensibilidade.

A essa altura, retomamos a importância da condução musical que perpassa o trabalho inteiro, que dura cerca de nove horas. A Banda da Arca é responsável por um caráter singular pela miscelânea de canções sagradas. Elas se apresentam entoando efeitos de cura, devoção, no formato de composições mânticas, batucadas xamânicas, celebrações à mãe natureza, pontos de Umbanda e reflexões sobre a vida. A universalidade das músicas eleva os trabalhadores nas cerimônias a se mirar nos arquétipos trazidos em cada universo sagrado. Certamente, algo pode ser despertado na primeira parte mais serena de trabalho, podendo ter continuidade nessa etapa dinâmica e expressiva.

Operando como a manifestação física da espiritualidade, o invisível sendo servido pelo visível, os dois em sinergia exercendo tal qual o feminino vibra ao lado do masculino, são reconhecidos a potência e o poder em diversos arquétipos, gerida pela sonoridade livre e espontânea – são exteriorizadas vibrações e oscilações pelo corpo onde os mais sensíveis podem manifestar entidades, seres sagrados. A musicalidade é a orientadora nesse momento, despertando formas que, em trabalho direto com elas ou em relação à imagem trazida pelo corpo de outra pessoa, de forma indireta, por si só promovem cura, limpeza, revelações, insights, tratamento, comunicação com guias, orientações e instruções.

Essas imagens e símbolos apresentam a constância de sua mensagem e correspondem ao empoderamento do inconsciente, que, finalmente, encontrou uma zona legítima de atuação. Em relação a isso, o reforço adquirido a partes supraconscientes desvela em novas receitas de conhecimento e conteúdo das personificações ou “*enselvajamentos*” encontrados na mitologia. Vinculada a este aspecto, reparo na alteração, e apelo por essa modificação de visão em relação a essa área de conhecimento por parte dos autores estudados.

Maffesoli adota esse conceito de “enselvajamento do mundo” como um retorno às origens, à fonte, ao primitivo e ao bárbaro. Quando elucida este termo, valoriza a ancestralidade e o instinto, trazendo uma bestialidade que serve como preservação da natureza – e da nossa própria natureza – e da vitalidade do presente. Ao presenciarmos ou participarmos do Bailado, nos possibilitamos a uma vivência mítica, nos abrimos para experiências metafóricas que carregam extenso conhecimento. Através desse exercício, ocorre uma evidente virtude de transcendência que conduz os nossos poderes para além de nossas vias de inteligência. Encontra-se em “Elogio à Razão Sensível” a menção do termo “bush soul” lembrando que essa alma da selva, alma arbustiva promove contato com as forças da natureza e garantem uma “participação mística”.

Restaura-se no Bailado, portanto, a força da natureza, dos arquétipos através da empiria alimentando, segundo os termos de Maffesoli, a máxima do “deixar ser” – em detrimento do “dever ser” do racionalismo moderno.

Ainda a respeito de mito e metáfora, Campbell traça um paralelo entre mitologia e religião onde a primeira apreende sentido como símbolo, enquanto a segunda visualiza como referência, instância final. Portanto, diz ele que “todos os eventos históricos tão importantes para a nossa tradição não deveriam ter relevância alguma para nós, exceto como símbolos de forças presentes dentro de nós mesmos”. Em paralelo com a noção de metáfora aplicada por Maffesoli – “equilíbrio entre o intelecto e o afeto” –, percebemos que se deve ter uma efetiva ponderação do conteúdo passado ou dos arquétipos trazidos, pois “Quando o símbolo é interpretado dessa forma, concretamente, a mensagem se perde. O símbolo que deveria estar nos introduzindo em nossa própria vida interior profunda se esvai e nos vemos sem veículo de conexão”.

Entendendo os mitos e personificações como canais conectivos, o enteógeno expande a atuação do inconsciente que clama por manifestações conscientes, o imaterial que demanda uma corporeidade, um escoamento energético. O Bailado apresenta um instante propício para essa realização percebendo essas expressões como revelação da vida divina no homem. Jung, através de uma menção em “A Nova Aurora de uma Antiga Manhã”, contribui com suas memórias: “Não somos nós que inventamos o mito, é ele que nos fala como ‘Verbo de Deus”.

Campbell nos aproxima do que é divino e sagrado quando compreende que “deuses são metáforas transparentes que deixam ver a transcendência”. Para ele, deidades e pessoas devem ser compreendidas como metáforas que, segundo Maffesoli, são resultados de equilíbrio entre o intelecto e o afeto. Ou, como podemos apreender, uma coesão entre a mente consciente e o plano inconsciente. Dessa forma, ambos os autores nos fazem assimilar que as deidades que manifestamos e procuramos fora, estão dentro de nós, elas são funções de nossa própria habilidade de conceber o divino. Essa reflexão é constantemente estimulada na Arca, pluralista em sua expressão religiosa, consta com altares com as mais diversas deidades de Tradições Sagradas, como também fotos de cientistas e ou pensadores que trafegam pela corrente mitológica e espiritual dentro de suas carreiras.

Em “Deusas – Mistérios do Divino Feminino” nos deparamos com um aperfeiçoamento no tocante a mitologia:

Esta é a compreensão culminante na iniciação mitológica: que você mesmo é aquilo que vê refletido lá fora em seu panteão, e deve vir a reconhecê-lo como algo que habita dentro de você” já que “mitologia se interessa pela perspectiva transpessoal, na qual se reconhece que pertencemos todos a uma só vida, participamos todos de uma só consciência. Somos especificações individuais daquilo que transcende as individualizações e, no entanto, somos indivíduos também. (CAMPBELL, 2015, p. 266)

O Bailado surge como um rito catártico dentro da cerimônia. As músicas reverberam e protegem a egrégora mantendo a Força da corrente onde uns se mantêm na dança, outros fazendo limpeza/cura energética (ato de expurgar, vomitar), outros utilizando a medicina do rapé, outros desenhando na mesa artística no salão (inspirada na prática da Dra. Nise da Silveira, há um espaço dedicado ao desenho, pintura, escrita ou qualquer reprodução de revelações e inspirações), outros em suas reflexões e processos meditativos e psicoespirituais.

Quanto a ênfase na dança, à parte transcendental a partir do movimento, a expressão de uma força interior – uma razão interna ou uma força-ideia segundo Maffesoli – estende a vibração divina através da qual se identifica por meio de arquétipos de identificação de determinado indivíduo. É o instante que o “saber dionisíaco” se faz compreensível – “é aquele que reconhece essa ambiência emocional, descreve seus contornos, participando, assim, de uma hermenêutica social que desperta em cada um de nós o sentido que ficou sedimentado na memória coletiva”.

Reforça-se, mais uma vez a conduta de liberdade da Casa, quando o frequentador pode realizar a expressão que lhe convir, que parecer adequado naquele momento. Não haverá uma espécie de repreensão, por exemplo, se em um ponto de para Vovó ou Nanã (uma energia de sabedoria densa e gravidade nas ações), o indivíduo sentir entusiasmo e excitação para manifestar uma criança (Erê dentro da cultura umbandista). É considerado como parte do desenvolvimentopsicoespiritual e mediúnico (no qual a pessoa é sensível as energias invisíveis e tem abertura para recebê-las, se acoplando uma a outra), mediante ela, acione o serviço que uma está a propor a outra, ou a alguém externo, presente na casa ou não, por meio de uma mensagem. Por vezes, entretanto, estar a serviço da própria mediunidade já é a própria justificativa desse talento, dessa inclinação. “Aplicando-se isso à dança, sob todas as suas formas, nota-se que, por mais desordenada que uma dança possa parecer, sua efetuação responde a uma razão interna. O fluxo, portanto, não é uma desordem sem horizonte, mas um “ponto de amarração” que se dinamiza”. (MAFFESOLI, 1998, p. 59)

De acordo com essa afirmação, se esclarece melhor que não há necessidade e nem abertura a nenhum tipo de crítica ou julgamento do processo espiritual do outro, quando apreendemos que a

permissão desse Dionísio manifestante em nós é outra vertente de completude de uma compreensão e sentidos divinos. Nossa fração poética dionisiaca, nossa vitalidade nos semblantes e na fisionomia, é partícipe em nossos processos de individuação e formação de sujeito, bem como nossa relação com o outro. Não obstante, uma interação ou relação humana mais empática surge a medida que detectamos e liberamos essa qualidade emocional de ter seu espaço de atuação, primeiramente em nós, e depois com o outro. É integrante em nossos aprendizados simbólicos quando crianças, e nas demais fases da vida, o caminho metafórico e analógico. Como negar essa esfera tão real, intensa e prazerosa da vida? O caminho modernista, mas rigidamente na condução histórica da humanidade, impulsiona que nossa vitalidade, criatividade, ímpetos e sensibilidade sejam diretrizes que não acompanham a correta, apolínea como aponta Maffesoli, pautada na razão, no conhecimento embrutecido, nos resultados e posses materiais. O Dionísio pertencente a nós, é a sentença de uma essência livre, sem prisões da mente. O modernismo promoveu um trauma na criança interior que amadureceu como um adulto frustrado, amargurado que, por sua vez, reproduziu cópias de sua insatisfação e desgosto. Nessa tomada, a pós-modernidade brada por espaço para a sensibilidade, para o nosso fundamento anímico, para um consentimento e acesso amplos ao prazer pela vida. A meta aqui, desde trabalho como um todo, compactuada com os atributos pós-modernos, vem em militância pela felicidade, pelo autoconhecimento completo do ser humano que não atribui prazer a circunstâncias futuras, mas que traz e admite em si a possibilidade de viver o presente, liberando sua criança interior com sua vasta vitalidade e disponibilidade para uma qualidade de vida.

Ao permitir a ebulição do espírito, outro estado da natureza, compreendemos que a pluralidade e diversidade sociais e culturais são frutos de uma intuição inteligente. Esta intuição sensível invariavelmente consulta a criança interior sobressaindo nossa necessidade à transcendência e nosso reconhecimento, ainda que mascarado ou desajustado socialmente, de uma atribuição divina em nós.

Campbell nos aproxima da mitologia divina de Dionísio, mencionando o teatro como grande santuário religioso dedicado a encenações ritualísticas. Esclarece que ao participar de um ritual, que é a encenação de um mito, estamos participando do mito: “Do ponto de vista simbólico, mito é a manifestação de forças espirituais e, participando do mito, estamos ativando forças espirituais correlatas em nós.” Em seguida, apresenta outra relação com a natureza dionisiaca quando aponta a potencialidade de destruir e criar coisas novas. Não somente se expressa vibrações e se mantém

a elas, continuamente, se rompe com estas, dando lugar a novas possibilidades. Mais uma vez, é cabível fazer o correlativo com a criança interior que compõe e inventa situações sem ficar presa a projeções e expectativas. Assim são os atores de teatro (artistas) e as crianças, inteiramente presentes.

Atrelando a puerilidade com os trabalhos relativos na Arca, somos contemplados pela semente deixada pela Dra. Nise da Silveira, psiquiatra, que obtinha um trabalho artístico-criativo com seus pacientes e seus diagnósticos de desvios mentais. Essa tarefa ocasionava uma evolução do processo cognitivo e emocional, com melhores compreensões de si e com mais serenidade nas trocas sociais. Phelippe promove essa singela homenagem às práticas da psiquiatra, que era sua amiga e parceira de trabalho, que angaria o intuito de desenvolver em meio à expansão de consciência nossas experiências de transmutação e limpezas espirituais.

Após a segunda dose, concedida ao início do Bailado, somada com as demandas espirituais pelo viés da musicalidade, o trabalho se intensifica e nesse instante ocorre, com ou sem o auxílio do rapé, momentos de expurgação e limpezas. Enjoos, mal-estar, náusea, dor de cabeça, cansaço físico, excesso de frio, vômitos ou mesmo profunda lamentação são participantes desse processo de renascimento. Muitas nessas sensações podem vir antes, logo com o efeito da primeira dose. Ainda assim, não é uma regra onde todos os que experimentarem da Ayahuasca terão essas sensações. Um dos mistérios da Planta Sagrada consiste em nunca saber como vai ser o teor do seu trabalho. Podem ser abundantes em sensações e sentimentos de plenitude divina ou podem ser rigorosos processos de limpeza e debilidade. A Ayahuasca nos recoloca sempre no lugar do novo, com experiências sublimes ou hostis, sendo seu contato com ela sempre a primeira vez. Essa característica de atualidade nos regala com o presente onde, independente da qualidade do trabalho, nos oferece um maravilhamento epifânico da vida.

Em termos de limpeza e purificação, constatamos interpretações válidas nos autores consultados. No ato do vômito, processos psicoespirituais são processados, ou seja, pensamentos, emoções, atitudes, vidas passadas ou mesmo um contato direto com entidades que pedem auxílio ou que desejam passagem uma mensagem. Sobre o aspecto de cura, Phelippe nos apresenta as vantagens:

Exatamente aí nos deparamos com o estatuto altamente positivo da religião na cura das almas, conforme recorda Jung, e, por conseguinte, com o valor inestimável das Plantas Sagradas para a ampliação da consciência e amadurecimento dessa dimensão essencial da psique humana. Uma planta que ‘limpa’ nossas culpas nos auxiliando a sermos menos dominados pela nossa sombra, com certeza apresenta decisivos efeitos terapêuticos com

repercussões fundamentais para o combate à violência nas sociedades, e merece ampla investigação ulterior. (MELLO, 2010, p. 92)

Em referência a deidades do panteão grego e a cura, Campbell evoca:

O grande templo de Asclépio em Epidauro era um centro de tratamento ao qual as pessoas acorriam para restabelecer a saúde. Mas como se processava a cura em Epidauro. Ali havia um bonito santuário, grande, glorioso, cheio de harmonia e beleza, que continha dormitórios, templos e parques. O indivíduo doente, vinha ao santuário para meditar e rezar sob as instruções de um sacerdote, mas depois ia dormir no santuário do deus e, no sonho, o poder da cura aparecia. (CAMPBELL, 2015, p. 159)

Dessa forma, nos deparamos com proximidade da autocura grega com o tratamento autoterápico encontrados nos processos bio-psico-espírituais da Planta Sagrada. No tempo de Asclépio, a configuração religiosa e a distância com as perturbações do mundo exterior propiciavam que o paciente se conectasse com suas potencialidades curativas. O mesmo se reflete na Arca da Montanha Azul unido ao instrumento da Bebida Sagrada, onde, inclusive existe um “quartinho de cura” para pessoas extremamente enfraquecidas ou aqueles que necessitam de uma limpeza espiritual mais intensa.

Após essa entusiasta comunhão, adentramos ao terceiro momento da cerimônia denominado “Hora com a palavra”, onde todas as pessoas são convocadas a entrar para dentro do salão e permanecerem sentados. Esta terceira etapa tem como objetivo principal utilizar algum texto escolhido pelo Orientador Espiritual da Casa com o intuito de passar instruções para os irmãos presentes – iniciados e visitantes. É um momento do ritual que sempre se inicia através da evocação do mantra chamado “Louvor ao Shakyamuni Buda”, como forma de produzir um sentimento de maior introspecção e paz interior. Em seguida, é produzida uma dinâmica que parte da leitura de trechos específicos de alguns autores, mas sempre acaba tomando direcionamentos intuitivos, guiados pelo próprio Philippe Bandeira de Mello, como forma de ir direcionando a reflexão proposta. Ao final da sua fala, é sempre aberto para perguntas e comentários, onde não apenas o Orientador Espiritual da Casa pode responder, mas outros irmãos – iniciados ou visitantes – também podem pedir a palavra para inclusive responder perguntas feitas por outros irmãos. Esta parte do trabalho, que tem a duração em torno de uma hora e meia, é o momento mais reflexivo e mental, no qual temos a possibilidade de processar melhor nossos processos vivenciados e elevar outras questões turvas no processo espiritual – lidando com mitos, símbolos, relações sociais, arte, contos, conceitos técnicos.

Após trabalhada a vitalidade dionisíaca, podemos estruturar e dar fundamentos racionais ao encadeamento do trabalho. Mais próximos ao ambiente do cotidiano, temos um momento de exercício próprio do mental, promovendo o equilíbrio a toda dinamicidade já vivenciada. O raciovitalismo de Maffesoli encontra terreno fértil: “um ‘raciovitalismo’ que sabe unir os opostos: operar conhecimento, e, ao mesmo tempo, perceber as pulsões vitais, saber e poder compreender a existência”. Temos então a harmonia entre o sentimento e a razão.

Essa terceira etapa é seguida de outra reorganização do espaço, retirando as cadeiras para uma finalização do Bailado. Esse instante, que dura cerca 30 minutos, tem a serventia de agradecer e despender as energias ali trazidas e grandes auxiliadoras nesse progresso. Por fim, já finalizado a parte musical, os dizeres de encerramento proferidos por parte dos iniciados da casa, dá por sessão por encerrada, aberta e fechada para sempre.

4. INICIAÇÃO

A Arca da Montanha Azul, como estrutura básica, obtém o processo de iniciação para aqueles que se sentem íntimos a conduta espiritual da Casa e desejam aprofundar sua ligação e firmar um compromisso com os votos.

O dia marcado para iniciação, dia 15 de julho, data de estabelecimento de atividade da Arca, inicialmente apresenta uma cerimônia padrão. A primeira etapa, no entanto, mais meditativa e internalizada, se estende um pouco mais antes de instituir de fato a Cerimônia de Iniciação. Situada num espaço determinado do salão, em um corredor retangular de iniciandos e iniciados – que pretendem renovar seus votos –, com tochas em suas extremidades, o grupo é orientado pelo Philippe Bandeira de Mello, um dos condutores deste cumprimento. Posteriormente, o salão se abre ao Bailado como de costume.

São lidos os votos da cerimônia em coro emanando os dizeres de responsabilidade comprometimento com as diretrizes e procedimentos da Casa, sempre buscando se elevar espiritualmente, alçando novas camadas de autoconhecimento bio-psico-socio-espiritual.

Acerca do processo iniciático nas religiões ritualísticas ancestrais, Campbell corrobora com sua representativa colocação:

A iniciação é um impacto. O nascimento é um impacto; o *renascimento* é um impacto. Tudo o que visa à transformação deve ser vivenciado como se fosse pela primeira vez. Então, aquele jovem tem o espanto de descobrir seu *corpo longo*. Os mistérios envolvem

deslocar o centro de nossa concentração e levar o foco da personalidade efêmera para a duradora forma das formas, as quais vivenciamos normalmente como simples formas, e que agora experienciamos como as formas. Se nos tornamos fixados demais nas formas, o corpo some. A questão é reconhecer o jogo dessa permanência ao longo das variáveis no tempo, de modo a poder voltar ao mundo de novo depois da profundidade da experiência. Esse é o ponto crucial. É preciso viver a profundidade, mas depois é necessário voltar ao tempo com o conhecimento adquirido na profundidade, sem pensar que continuamos nas profundezas. Se vivermos como se estivéssemos na profundidade, a consequência será a inflação. (CAMPBELL, 2015, p. 248)

Sobre o “corpo longo” mencionado pelo escritor, é atribuído a um saber de nativos norte-americanos que denota ser um corpo de toda a sua vida, não apenas aquela fração dela. Em outro momento, Joseph Campbell, desenvolve: “Tentamos nos agarrar a esta pequena seção, mas a iniciação nos leva a ver o corpo verdadeiro – que está bem aqui, e basta que vivenciemos a sua extensão. Nossa vida é um único corpo, da concepção à morte, e eis o que é preciso aprender: a totalidade dele”. (CAMPBELL, 2015, p. 246)

Mesmo que eu tenha a inclinação a falar sobre o processo de iniciação, ou mesmo comentar observações sobre a Cerimônia de Iniciação, meu relato será duplamente atrofiado. Primeiro, por estar processando meus próprios processos psíquicos, eu não estive totalmente entregue aos votos e a esta última cerimônia. E, secundamente, por não ser iniciada pela Casa, ocupações e comportamentos, bem como trabalhos fechados, ainda estão oscilando na minha realidade. Acompanhando, intimamente, os processos de irmãos arquês, pude ter uma familiaridade com a conduta em evolução. Enquanto isso, ia ouvindo meu próprio chamado colaborativo, chegando mais cedo para ajudar a limpar e organizar o espaço para todos os frequentadores do dia e contribuindo nos postos de serviços oficiais dos iniciados.

Os encontros ocorrem às sextas ou aos sábados, uma vez por semana tendo um de recesso e descanso. Geralmente com dois trabalhos abertos, existe um encontro fechado para aqueles que desejam firmar os votos na Casa e para aqueles que estão em profundos processos psíquicos dentro e fora da Arca. Antes da iniciação, no entanto, os encontros se tornam mais frequentes, alternando entre aberto e fechado todos os finais de semana.

Em meu processo pessoal, sentia um incômodo estar na fila com todos os outros interessados em processos espirituais. Não por não me reconhecer igual a todos, mas por querer fazer o mesmo por mim e por todos nessa Casa: servir.

Ainda me encontro nessa configuração como passageira, mas aos poucos consolidando o meu caminho em processo fortalecimento e autoconhecimento para atingir o estado que almejo, de tripulante e marinheira na Arca da Montanha Azul.

Foi com profundo contentamento que encontrei um lugar de evolução espiritual que se integrasse de uma dimensão total do ser humano, enfatizando o que para mim é primordial e sutil, e que está ressurgindo cada vez mais: o feminino. Restaurando um tempo de sabedoria social e espiritual, individual e coletiva só que, na atualidade, envolvida por uma globalização que pulveriza a multiplicidade e pluralidade. A abundância hoje tem contato entre si e pode se aperfeiçoar com conhecimentos do outro.

Os processos catalisadores, com características pedagógicas e terapêuticas, da Bebida Sagrada, além de nos proporcionar novos olhos para as situações, sendo outra pessoa a enxergar, conduz a processos supralógicos da consciência. Dessa forma, por meio do tripé que sustenta a Deusa – morte, renascimento e evolução espiritual –, a Arca se apresenta como uma experiência de campo não só para uma nova vida, mas para um novo mundo. Integrado consigo, com a natureza, com o outro, com o cosmos e com o divino que a tudo permeia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arca da Montanha Azul, antes de ser pesquisa aprofundada, demandou minha vitalidade, minha razão interna. Pelos tipos de trabalhos realizados, minha identificação pessoal e pela trajetória em querer me aprofundar no tema de espiritualidade, encontrei neste grupo recursos culturais que pouco encontrei nas reflexões documentais no início da pesquisa. No entanto, o intuito sempre foi falar sobre a espiritualidade feminina; como era necessário que uma evolução mística, era preciso que a particularidade feminina esteja bem fundamentada e vice-versa.

Por intermédio das leituras, fortaleci as experiências supraconscientes vivenciadas através da Sagrada Bebida, Ayahuasca, tomando um condicionamento racional que possibilitaram uma concretização desperta.

A Tradição da Deusa, assimilada com a historicidade da evolução religiosa explicitada por Joseph Campbell, esclareceu como nessa Escola Espiritual estava solidificado valores ancestrais atribuídos a Deusa. Certo pessimismo e indignação pela condição da mulher na nossa sociedade foram transmutados em uma confiança e empenho em almejar a mudança desse cenário. Resgatei na Arca e nas experiências mediúnicas uma força acolhedora elevada pela fraternidade e compartilhamento que sustentam a Casa.

Transcendendo as separações da modernidade, atingi uma “postura entusiasmante”, integrando sentidos a teoria, que encaminhou o estudo pela compreensão e percepção do conhecimento adquirido. A Deusa, nas sociedades arcaicas, não elevava a mulher em superação do homem. As mulheres tinham seu reconhecimento pela sua atividade, colocada em suas potências. As sociedades eram conduzidas por um regime matrilinear pelo nascimento da vida e nascimento espiritual ofertado pelo inato envolvimento com a disposição da vida e da sobrevivência. Os ciclos do corpo e da natureza eram assimilados a composição da mulher que mais adiante foram resignificados do âmbito vegetal para a psique humana. O mais importante sobre a Deusa não era se estava comandando o trono a estrutura social matriarcal, mas se a qualidade feminina, se o Ser Mulher, o era compreendido conhecido e respeitado.

A geradora da vida e a transformadora do espírito foram os símbolos que permearam séculos nos períodos Paleolítico e Neolítico, antes das invasões e das tomadas de território por povos culturalmente desconectados com a Deusa. Nessa segregação, Campbell aborda sobre o poder masculino que promove a divisão e sobre a potência feminina que suscita a união.

Nas mitologias referentes à Mãe Terra, a Deusa, o autor contribui:

Isso é o que as energias femininas representam nesses mitos – forças das quais o masculino é apenas um agente – como Musa, Deusa Mãe ou como inspiradora de uma vida heroica, essas deusas são reflexos da força principal que o feminino representa e que, em si, está aberta à natureza. A vida da Deusa é tal que ela é movida pela natureza de um modo que o masculino não é. (CAMPBELL, 2015, p. 188)

O que foi possível apreender na Arca da Montanha Azul e na comungação do Daime é a revolução proposta pela Casa e pelo resgate com as forças da natureza. A Arca, assim como o Santo Daime, a Barquinha e a União do Vegetal, alimenta uma reforma enteogênica resgatando heranças espirituais diretas com o divino e retornando à origem, à natureza, ao arcaico. É admitida a diversidade da vida – latente na pós-modernidade – recebendo e aceitando os símbolos e mitos como releituras divinas da nossa humanidade. Reconhece-se o humano não como criador dos mitos, mas sendo resignificado e adequado por eles. Como confirma Philippe Bandeira de Mello:

Igualmente o reconhecimento do caráter sagrado da natureza, da matéria, do corpo, o resgate feminino (ex.: a frequência de visões com a Mãe divina, de deidades femininas e visões de animais que simbolizam o feminino como a serpente), são elementos comuns à via alquímica e à via xamânica, enteogênica. (MELLO, 2010, p. 105)

A Deusa, como as representações mitológicas, não é uma instância final, e sim um vínculo, um canal, que propicia a integração com a totalidade: “É através da Deusa que se entra no mundo do espírito. Ela é o labirinto e também nosso guia”.

Michel Maffesoli com suas concepções de “feminização do mundo” e “invaginação de sentido” dialogam com a reforma enteogênica encontrada nessas Escola Espirituais apresentando a complexa, densa e profunda transformação e conexão da consciência atribuídas ao mistério da Ayahuasca. Campbell, por sua vez, esclarece sua esperança a respeito do ressurgimento da unificação composta de valores dionisíacos, reforçados por Maffesoli como intrínsecos ao sujeito e elementares na pós-modernidade. Todos os autores fundamentam o retorno à natureza, a vida no presente, valor do cotidiano, o reconhecimento dos símbolos e mitos, a ancestralidade espiritual feminina, a força vital da criança interior, a reintegração da sociedade, a concepção de alteridade na humanidade, a solidariedade, a empatia, os afetos.

“Consciência Sensível: caminho do autoconhecimento – O Retorno da Deusa por uma autoetnografia da Arca da Montanha Azul” se concretiza como uma pesquisa que alcança a “iluminação pelos sentidos”, sugerida por Maffesoli. Isto é, integrando a experiência sensível espontânea com a progressão intelectual se materializa uma interação entre a sensibilidade e a espiritualidade. Resgatando, através das aparências e dos símbolos, as profundidades do ser e operando um pensamento de acompanhamento, ou seja, uma metanoia. Dispondo ao leitor de um convite a expandir para além da consciência ordinária a fim de receber uma consciência nova, um Novo Eu, a fim que consagrarmos nossa sagrada união.

Acerca da transformação individual e coletiva da sociedade:

Hoje temos a oportunidade de construir pontes entre a ancestralidade e o futurismo, entre a ciência e a religião, entre as diversas tradições sagradas, antigas e modernas, num saber integrado, unificado e espiritual. Sabedoria e não apenas conhecimento, sabedoria capaz de promover autêntica revolução da consciência e a transformação as sociedade. (MELLO, 2010, p. 170)

A morte e renascimento, o surgimento físico, o renascimento espiritual, assimilamos as propriedades da Deusa, ou seja, propriedades femininas e aceitamos uma habilidade dionisíaca de construção e destruição. A Deusa é a própria transformação, a própria espiritualidade, a ponte entre a consciência e a inconsciência. Assim afirma Campbell: “Quando morremos para o ego e para a consciência racional, abrimos à intuição ou, em outras palavras passamos a escutar a canção da Musa. Aí temos, novamente, o poder feminino”.

Unida a esse escritor em seu apelo final, compactuo da noção de estarmos em um momento em que as mulheres devem contar sobre o ponto de vista do feminino com uma configuração social e política que constate sua sabedoria.

Advirto que ecoo nas palavras de C. G. Jung, em esperança ativa, a ilimitada força da Deusa que mora em mim: “Os conhecimentos que eu buscava e que me ocupavam ainda não faziam parte da ciência vigente naqueles dias. Eu mesmo devia realizar a primeira experiência e, por outro lado, devia colocar no terreno da realidade aquilo que ia descobrindo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPBELL, J. *Deusas: Os Mistérios do Divino Feminino*. 1 ed. São Paulo: Palas Athena Editora, 2015.
- MAFFESOLI, M. *Elogio da Razão Sensível*. São Paulo: Editora Vozes Ltda, 1998.
- _____. *Homossocialidade: da identidade às identificações*. 2012. Disponível em <<http://www.periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2250/1683>> Acesso em: 22 de julho de 2016
- MELLO, P.B. de. *A Nova Aurora de uma Antiga Manhã*– Surpreendentes diferenças entre as Plantas Sagradas e as drogas – As propriedades misteriosas dos Enteógenos. [s.l.: s.n.] 2010.
- MOTTA, Pedro Mourão Roxo da; BARROS, Nelson Filice de Resenha. *Cad. Saúde Pública*. 2015, vol.31, n.6, pp.1339-1340. ISSN 0102-311X. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-311XRE020615>> Acesso em: 11 de julho de 2016



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO DE MONOGRAFIA

Niterói, 27/07/2016

Eu, **HIKARI AMADA GOMES DE ALMEIDA**, CPF 116.508.527-54 formando(a) do curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, autorizo a divulgação do conteúdo da monografia (texto integral e/ou fragmentos, respeitada a autoria) intitulada “**CONSCIÊNCIA SENSÍVEL: CAMINHO DO AUTOCONHECIMENTO – O RETORNO DA DEUSA POR UMA AUTOETNOGRAFIA DA ARCA DA MONTANHA AZUL**” defendida nesta data, em bibliotecas e sítios de divulgação de resultados científicos e acadêmicos. Para tal, comprometo-me a entregar a presente monografia em versão digital, em PDF.



HIKARI AMADA GOMES DE ALMEIDA